



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

Matheus Padilha Abrantes Reis

**ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE, EMOÇÕES,
EXPECTATIVAS E DISPOSIÇÃO AO ESFORÇO EM
JOGADORES DE FUTEBOL**

São Luís – MA

2020



Matheus Padilha Abrantes Reis

Atribuição de causalidade, emoções, expectativas e disposição ao esforço em jogadores de futebol

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Guimarães Cardoso de Sá

São Luís – MA

2020

Este trabalho foi elaborado de acordo com a 7ª Edição do Manual de Publicação da Associação Americana de Psicologia (APA 2020)

Reis, Matheus Padilha Abrantes.

Atribuição de causalidade, emoções, expectativas e disposição ao esforço em jogadores de futebol / Matheus Padilha Abrantes Reis. - 2020.

65 p.

Orientador(a): Lucas Guimarães Cardoso de Sá.
Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

1. Causalidade. 2. Futebol. 3. Psicologia do Esporte. I. Sá, Lucas Guimarães Cardoso de. II. Título.

MATHEUS PADILHA ABRANTES REIS

**ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE, EMOÇÕES, EXPECTATIVAS E
DISPOSIÇÃO AO ESFORÇO EM JOGADORES DE FUTEBOL**

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da
Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito
parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Guimarães Cardoso de Sá

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lucas Guimarães Cardoso de Sá (Orientador)
Doutor em Psicologia
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Cristianne Almeida Carvalho (Examinadora)
Doutora em Psicologia
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Natália Rodovalho Garcia Menescal (Examinadora)
Doutora em Psicologia
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Tony Nelson (Suplente)
Doutor em Psicologia
Universidade Federal do Maranhão

“Em futebol, o pior cego é aquele que só vê a bola”.
Nelson Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Às pessoas que me incentivaram de alguma forma a continuar a caminhada nos momentos mais difíceis, por quem sempre terei profundo respeito e admiração. Dentre elas meus amigos Yudson Vasconcelos e Rafael Araújo, meu irmão de coração Diogo Motta, e outras pessoas que sabem que estão representadas neste parágrafo. São pessoas como vocês, que empolgam e impulsionam os outros em busca dos sonhos e que fazem a vida de muita gente mais feliz.

Ao meu analista e à minha análise, pois sem isso eu dificilmente estaria escrevendo isto agora.

Ao Prof. Dr. Lucas Guimarães Cardoso de Sá, por me orientar neste trabalho e por me tranquilizar nos momentos nos quais eu não sabia por onde começar ou para onde ir, sempre com paciência.

À Prof^a Dr^a Cristianne Almeida Carvalho por me mostrar que era possível aliar Psicologia e o meu amor pelo futebol, diminuindo drasticamente a pressão sentida por realizar a monografia.

A todos os professores do Departamento de Psicologia, que me marcaram por diversos ensinamentos.

Aos “Ministros” Ray Anderson, Assis, Nicolau e Victor, por todos os momentos compartilhados. As alegrias, tristezas, rivalidades e histórias que serão contadas daqui a muitos anos.

À minha mãe que indiretamente me mostrou que a vida sempre terá um novo alvorecer.

À minha tia Bela, que pagou o meu primeiro curso relacionado ao futebol, o que pôde abrir portas e fazer com que eu vislumbrasse um futuro dentro do esporte.

Ao Futebol Interativo, por difundir o conhecimento científico do futebol e ajudar a transformar este esporte que carece de ciência e novos estudos.

Aos três realizadores de sonhos, Daniel, Felipe e Guilherme, que me possibilitaram trabalhar com o futebol através da DFG Sports.

À Maryana Oliveira, minha inspiração para seguir meus objetivos e buscar novas conquistas.

Ao João Vítor, coordenador do Ciência da Bola, por me tornar colaborador e fazer com que eu aumentasse meu tempo de estudo sobre Psicologia do Esporte e pudesse difundir o conhecimento da área.

Resumo

A teoria da atribuição de causalidade prevê que justificar a ocorrência de um evento de forma interna ou externa, controlável ou incontrolável, ou como estável ou instável pode influenciar em como um indivíduo se sente, no que ele espera e no quanto ele se esforça. Compreender a atribuição de causas no contexto esportivo pode levar a estratégias de intervenção mais adequadas para melhorar o desempenho dos atletas através da preparação psicológica. Nesse sentido, este estudo foi desenvolvido com o objetivo de investigar o quanto as dimensões causais influenciam sentimentos, expectativas e disposição ao esforço em jogadores de futebol. A amostra utilizada neste trabalho foi retirada do banco de dados da pesquisa de mestrado “Atribuição de Causalidade ao nível de competência em jogadores de futebol”, de Sá (2009). O estudo foi composto por 189 jogadores amadores de futebol. Foi utilizado um roteiro de entrevista composto por 47 itens divididos em 7 blocos de informações, contemplando autoavaliação do desempenho como jogador, a mensuração das dimensões atribucionais, uma lista de emoções geradas pelo desempenho, as expectativas como jogador e a disposição ao esforço futuro. Os resultados mostraram que os sentimentos de recompensa foram explicados pela dimensão da estabilidade, que sentimentos de autoeficácia foram explicados pela estabilidade e controle pessoal, que expectativa é influenciada pelo controle pessoal e a disposição ao esforço pelo *locus* de causalidade. Juniores e adultos não apresentaram diferença nas dimensões das atribuições de causalidade, nem nas emoções, mas jogadores jovens mostram maior expectativa e na disposição ao esforço que os mais velhos. Conclui-se que as diferentes dimensões causais influenciam de maneira específica os sentimentos, expectativas e disposição ao esforço nos jogadores de futebol. Os resultados tanto confirmam quanto contradizem hipóteses da teoria, evidenciando uma necessidade de maiores estudos no contexto esportivo, em diferentes níveis competitivos.

Palavras chave: causalidade, psicologia do esporte, futebol

Abstract

The causal attribution theory predicts that justifying the occurrence of an event internally or externally, controllable or uncontrollable, or as stable or unstable can influence on how an individual feels, what he expects and how much he tries. Understanding the attribution of causes in the sports context can lead to more appropriate intervention strategies to improve the performance of athletes through psychological preparation. In this sense, this study was developed with the objective of investigating how much the causal dimensions influence emotions, expectations and disposition to effort in football players. The sample used in this work was taken from the database of the master's research "Atribuição de Causalidade ao nível de competência em jogadores de futebol", from Sá (2009). The study was composed of 189 amateur football players. A structured interview with 47 questions divided into 7 blocks of information, including self-assessment of performance as a player, measurement of attributional dimensions, a list of emotions generated by performance, expectations as a player and disposition to undertake future efforts was used. The results showed that the feelings of reward were explained by the dimension of stability, that feelings of self-efficacy were explained by stability and personal control, that expectation is influenced by personal control and the disposition to effort is influenced by the locus of causality. Juniors and adults showed no difference in the dimensions of the attribution's causality, nor in emotions, but young players show greater expectation and disposition to effort than older players. It is concluded that the different causal dimensions influence in a specific way the feelings, expectations and disposition to effort in football players. The results both confirm and contradict the theory's hypotheses, evidencing a need for further studies in the sports context, at different competitive levels.

Keywords: causality, sports psychology, football

SUMÁRIO

ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE, EMOÇÕES, EXPECTATIVAS E DISPOSIÇÃO AO ESFORÇO EM JOGADORES DE FUTEBOL.....	12
MÉTODO	34
PARTICIPANTES.....	34
INSTRUMENTOS.....	34
PROCEDIMENTOS	35
ANÁLISE DE DADOS.....	35
RESULTADOS	36
DISCUSSÃO	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICES.....	60

Atribuição de causalidade, emoções, expectativas e disposição ao esforço em jogadores de futebol

Quando se escreve sobre esportes no Brasil, é comum colocar em primeiro plano o futebol. DaMatta (1984) considera que o futebol se tornou uma instituição nacional, assim como é a cachaça, o samba, a música sertaneja, etc. Mais do que a experiência empírica baseada na difusão cultural do amor ao futebol, os dados de pesquisas relacionadas ao esporte comprovam a preferência.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2015) o futebol é a modalidade esportiva mais praticada no Brasil, com adesão de 15,3 milhões de pessoas (39,3%) de um total de 38,8 milhões de praticantes de esportes. Desses, 94,5% são homens. Em todas as regiões do Brasil, o futebol é o esporte mais praticado. Na região Norte, destaca-se por ter mais da metade de praticantes nessa modalidade (55,9%), seguida pelas regiões Nordeste (48,8%), Sul (35,1%), Sudeste (33,3%) e Centro-Oeste (32,9%). Outro dado relevante é que, quanto mais jovem a população, maior a representatividade do futebol na prática de esporte. No grupo de 15 a 17 anos, a modalidade representou 64,5%, no de 18 a 24 anos, 57,6%, no de 25 a 39 anos 41,4%, no de 40 a 59 anos, 24,1% e no de 60 anos ou mais, 4,9%.

A Psicologia aplicada ao futebol, enquanto Psicologia do Esporte, é um campo do saber psicológico que muito tem a oferecer ao treinamento esportivo. Weinberg e Gould (2017), por exemplo, citam que os principais responsáveis pelas oscilações no desempenho são os fatores psicológicos. Para que o alto desempenho seja atingido, os atletas necessitam de uma prática metodológica de treino que inclua todas as dimensões do desempenho esportivo, e isso abarca a parte física, tática, técnica e psicológica (Pesca et al., 2014).

Para Weinberg e Gould (2017) “a Psicologia do Esporte e do Exercício Físico é um estudo científico de pessoas e seus comportamentos em atividades esportivas e atividades

físicas, e a aplicação deste conhecimento” (p.21). De maneira complementar, conforme Becker (2000):

[...] a Psicologia do Esporte, segundo a Federação Europeia de Associações de Psicologia do Esporte –Fepsac (1996), refere-se aos fundamentos psicológicos, processos e consequências da regulação psicológicas das atividades relacionadas ao esporte, de uma ou mais pessoas praticantes dos mesmos. O foco desse estudo está nas diferentes dimensões psicológicas da conduta humana, ou seja, afetiva, cognitiva, motivadora ou sensório-motora. Os sujeitos investigados são os envolvidos nos esportes ou exercícios, como atletas, treinadores, árbitros, professores, psicólogos, médicos fisioterapeutas, espectadores, pais (p. 19).

Como na maioria das áreas pertencentes às ciências sociais, não se tem uma origem única e precisa para a Psicologia do Esporte. Weinberg e Gould (2017) dividem a história, focada nos Estados Unidos, em seis períodos:

1. Nos chamados “primeiros anos” (de 1893 a 1920), Norman Triplett e E. W. Scripture se destacaram. O primeiro por seus estudos sobre a influência de competidores no desempenho dos ciclistas, e o segundo por seus estudos com dados dos atletas da Universidade de Yale.

2. No segundo período, intitulado “*O desenvolvimento de laboratórios e de testes psicológicos*” (de 1921 a 1938), Coleman Griffith foi o grande nome, considerado o pai da Psicologia do Esporte nos Estados Unidos. Desenvolveu o primeiro laboratório desse ramo da psicologia e publicou dois livros clássicos: “*Psychology of Coaching*”, em 1926, no qual discutiu os problemas levantados pelos métodos de treinamento da época, e “*Psychology of Athletics*”, em 1928.

3. O terceiro período, de 1939 a 1965, é nomeado “preparação para o futuro”. Nesse período destacou-se Franklin Henry, da Universidade da Califórnia. Henry dedicou sua

carreira ao estudo acadêmico dos aspectos psicológicos na aquisição de habilidades esportivas. Além de treinar jovens professores de educação física que viriam a tornar-se professores universitários e estabelecer diversos projetos de pesquisa. Outra figura importante foi Dorothy Hazeltine Yates, uma das primeiras mulheres a praticar Psicologia do Esporte. Ela desenvolveu pesquisas e consultoria com lutadores de boxe.

4. No quarto período, que compreendeu os anos de 1966 a 1977 ocorreu “o estabelecimento da psicologia do esporte como disciplina acadêmica”. Também contou com outro avanço, conforme Weinberg e Gould (2017), quando:

“consultores de psicologia aplicada ao esporte também começaram a trabalhar com atletas e times. Bruce Ogilvie, da San Jose State University, foi um dos primeiros a fazê-lo, costumeiramente chamado de o pai da psicologia do esporte aplicada, na América do Norte” (p.10).

5. O quinto período, que compreendeu os anos entre 1978 a 2000 contou com uma forte expansão da Psicologia do Esporte no mundo. Esse momento foi caracterizado por um aumento no número de pesquisas decorrentes de uma aceitação e procura maiores pelos temas das ciências do esporte. Muito desse avanço deve-se à multidisciplinaridade através da qual os estudos puderam ter maior alcance. Outro ponto bastante discutido nesse período foi em relação ao campo de prática profissional e as qualificações necessárias, bem como questões éticas, de licenciamento e de desenvolvimento de empregos em tempo integral para os novos indivíduos que ingressavam no campo.

6. Por fim, o sexto período, compreende os anos a partir de 2001. A Psicologia contemporânea do esporte e do exercício ainda apresenta desafios, porém é tratada com um campo promissor em debates sobre o esporte. Novos estudos sobre os avanços das últimas décadas estão em constante elaboração e o avanço da inclusão digital é um trunfo para o desenvolvimento e a consolidação na Psicologia do Esporte.

No Brasil, a Psicologia do Esporte comumente é apresentada tendo como marco inicial a atuação de João Carvalhaes (1917-1976) com a seleção Brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1958 e junto ao São Paulo Futebol Clube. Carvalhaes, profissional das Ciências Políticas, um apaixonado pelo esporte, buscou os conhecimentos da época em Psicometria e ousou trabalhar os aspectos psicológicos da Seleção Brasileira de Futebol que havia sofrido uma derrota traumática em casa no ano de 1950 (Rubio, 2007). No entanto, estudos mais recentes sobre a história da Psicologia do esporte no Brasil revelam outros pioneiros no seu percurso de surgimento, anteriores à atuação de João Carvalhaes. Carvalho e Jacó-Vilela (2009) explicam o desenvolvimento dos estudos:

“O discurso sobre a importância da atuação do psicólogo junto às equipes esportistas (atletas, treinadores e dirigentes) já aparecia com clareza nos anos 1950, mas começou a ser construído nos anos 1930. Uma prova disso são artigos encontrados na Revista do Exército, escritos por militares, médicos e educadores que versam sobre temas como “Educação Física e Educação Psíquica” (1933) escrito por Plínio Olinto, professor do Instituto de Educação e Chefe do Serviço de Profilaxia Mental do Hospital Nacional; “Psicologia e Educação Física” (1935) de Lourenço Filho, paulista, educador e expoente no movimento dos pioneiros da Escola Nova e professor de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal de São Paulo de 1924 a 1930; “A Educação física sob o ponto de vista psicológico”, publicado em 1938, pelo 1º tenente Airton Salgueiro de Freitas que seguiu carreira militar e exerceu funções de instrutor de Educação Física e Desportos da EsEFExe técnico da equipe brasileira de pentatlo moderno nos Jogos Olímpicos de Londres em 1948, para citar alguns”(p.4).

Apesar do desconhecimento dos trabalhos que desenvolveram o ensino e pesquisa da Psicologia do Esporte, é importante difundir a ideia de que Carvalhaes não foi o único. O que também não desconsidera sua parcela de contribuição para o desenvolvimento da Psicologia do Esporte. Antes dele, outros estudos já davam indicativos de trabalhos com construtos

relacionados à Psicologia (Carvalho, 2012). A conferir pelos seus títulos, trabalhos feitos em 1944, como “Psicologia aplicada à torcida”, de Inezil Pena Marinho, “Um estudo de Psicologia Social em uma equipe de futebol profissional”, de Pio Piano Junior, são exemplos de produção científica anterior a João Carvalhaes e relacionadas ao mesmo esporte que este trabalhou.

Fazendo uma distinção entre dois tempos do processo de construção da Psicologia do Esporte no Brasil, Carvalho (2012) cita (1) a *psicologia complementar* (1930-1940), caracterizada pela inserção da psicologia como disciplina nos cursos de educação física através de profissionais de outras áreas, como médicos, militares, filósofos e outros interessados em compreender melhor os fenômenos humanos sob a ótica da atividade física e dos esportes; e (2) a *prática psicológica* (1950-1960), caracterizada pela interação maior entre os campos do esporte e da psicologia na prática, principalmente referente ao alto rendimento. A aplicação prática ganhou bastante conhecimento social a partir do trabalho do já citado João Carvalhaes.

A Psicologia do Esporte no Brasil cresceu de forma mais sistematizada a partir de 1979, quando foi fundada a Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, da Atividade Física e da Recreação (SOBRAPE), tendo como seu primeiro presidente o Dr. Benno Becker Junior. Atualmente, no entanto, a SOBRAPE deixou de existir. É importante ressaltar que ela era composta majoritariamente por professores de Educação Física. Em 2006 surgiu a Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP) através dos esforços de um grupo de psicólogos e profissionais de educação física preocupados em discutir e promover os estudos e práticas profissionais da Psicologia Esportiva no país (Vieira et al., 2010). De acordo com Samulski (2000), o Brasil, dentre os países da América Latina, tinha o maior volume de publicações e congressos realizados na área, bem como maior número de laboratórios de Psicologia do Esporte.

A resolução 13/2007 do Conselho Federal de Psicologia - CFP (2007) consolida o Título Profissional de Especialista em Psicologia e dispõe sobre normas e procedimentos para seu registro. No entanto, o título de especialista em Psicologia do Esporte já havia sido instituído em 2000 pelo conselho de classe.

Em relação aos cursos de graduação no Brasil, se por um lado a história da Psicologia do Esporte na Educação física remonta aos anos 1930, já inserida como disciplina, por outro, apenas recentemente passou a ser parte dos cursos de Psicologia (Carvalho, 2012). Com isso, a formação de profissionais da área ainda é escassa, uma vez que nem todos os cursos de Psicologia possuem a disciplina como obrigatória. Mesmo em programas de mestrado e doutorado ainda são poucos os que oferecem linhas de pesquisa em Psicologia do Esporte, tornando a qualificação continuada diminuída aos interessados na área.

O crescimento desta área no país ocorreu de maneira gradativa e acentuou-se com os últimos eventos esportivos mundiais, como a Copa do Mundo de Futebol, em 2014 e os Jogos Olímpicos de Verão, em 2016. A presença de psicólogos no esporte e na atividade física se difundiu recentemente e pôde-se compreender melhor os possíveis papéis e áreas de atuação no contexto brasileiro.

Conforme Weinberg e Gould (2017), baseando-se na realidade americana, seriam três os papéis básicos de atuação do psicólogo do esporte: o de pesquisador, o de professor e o de consultor. Enquanto pesquisador, o Psicólogo do Esporte promove a ampliação dos conhecimentos da área, realizando pesquisas com equipes multidisciplinares a fim de fomentar discussões e avanços associados a outras áreas do conhecimento. Na função de professor, o psicólogo atua ministrando disciplinas em cursos de graduação, apresentando palestras relacionadas aos temas do desenvolvimento ou psicologia social do esporte, psicologia aplicada ao exercício físico, dentre outras derivações. Como consultor, o psicólogo trabalha diretamente com atletas ou equipes buscando a aplicação dos conhecimentos visando

desempenho esportivo, assim como trabalhar questões relacionadas a lesões ou situações incapacitantes para os atletas. Ainda como consultor, ele pode trabalhar com a Educação e Exercício Físico amadores e recreativos, buscando criar programas e treinamentos que possam gerar bem-estar físico e psicológico. Cabe ressaltar que a divisão proposta pelos autores é mais compatível com a realidade dos Estados Unidos. A atuação do Psicólogo do Esporte considerando a realidade brasileira, de acordo com Carvalho (2019, p. 29) aponta de forma breve a seguinte divisão:

1. *Esporte educativo ou iniciação esportiva*: Voltado a crianças e adolescentes ou adulto iniciante que praticam as atividades físicas e esportivas nos clubes ou instituições escolares. Tem como objetivo principal a formação norteadas pelos princípios socioeducativos. O psicólogo do esporte busca compreender e analisar os processos de formação e desenvolvimento relativos à educação e socialização a partir da prática esportiva. Também pode auxiliar o professor de educação física ou o treinador na aplicação de seus métodos educativos e de treinamento respeitando as fases do desenvolvimento cognitivo, emocional e psicossocial. Um exemplo são as escolinhas de natação ou futebol e o esporte escolar;

2. *Práticas de tempo livre ou lazer*: são práticas voluntárias que buscam o bem-estar físico e mental. O psicólogo atua nesse contexto analisando o comportamento recreativo dos participantes de diferentes faixas etárias, níveis sociais ou atuações profissionais. Importante identificar as atitudes pensamentos ou motivações relacionadas à prática esportiva dos praticantes para contribuir com o aumento da qualidade de vida. Exemplos dessas atividades seriam corridas de rua, caminhadas e exercícios funcionais, academias, entre outros;

3. *Alto Rendimento*: a intervenção psicológica voltada ao alto rendimento visa aprimorar ou desenvolver processos psicológicos (percepção, atenção, concentração) além de outros fenômenos como motivação, liderança e coesão grupal, entre outros determinantes para o aumento da performance dos atletas ou grupos esportivos em um contexto institucional e

formal. Nesse campo de atuação encontram-se atletas profissionais das diversas modalidades, integrantes de instituições públicas ou privadas, associações ou federações esportivas;

4. *Reabilitação*: voltado para a prevenção e intervenção aos esportistas portadores de alguma lesão decorrente da prática esportiva ou que sejam portadores de algum tipo de deficiência física ou mental. A atuação do psicólogo pode ocorrer em qualquer nível desde a iniciação ao alto rendimento, como junto com os atletas paralímpicos.

5. *Projetos sociais*: esse campo de atuação da Psicologia do Esporte tem como objetivo promover a inclusão social dos indivíduos em vulnerabilidade social e psíquica, através de uma equipe multidisciplinar e do uso de ferramentas pedagógicas associadas a práticas esportivas;

6. *Clínica do Esporte*: esse campo no Brasil tem atuações recentes, mas já se apresenta como uma proposta de intervenção eficaz e necessária. Embora seja uma atuação clínica pertinente à formação de psicólogo, diferencia-se da psicoterapia tradicional por direcionar o foco para a relação entre os fenômenos pessoais e as demandas esportivas que os praticantes ou atletas experienciam.

A aplicação da Psicologia do Esporte no futebol possui as características comuns aos outros esportes coletivos, porém a representação que o futebol tem na cultura brasileira faz com que existam algumas especificidades neste caso. Altos investimentos e forte influência midiática fazem com que alguns jovens que até então eram desconhecidos, passem a ser famosos repentinamente. Quando ingressam no futebol profissional os atletas passam a receber cuidados que envolvem uma gama de profissionais de diversas áreas, como nutrição, fisiologia, psicologia, dentre outros. Todo investimento no desenvolvimento global dos atletas traz consigo uma grande cobrança por resultados (Correa, 2002).

Os jogadores de futebol inevitavelmente estão expostos a um número potencial de estressores que operam sobre o desempenho atlético durante a carreira esportiva. Têm

sucesso no futebol os atletas que conseguem sobreviver às tremendas pressões do esporte de alta performance, superam as incertezas, as angústias que interferem na performance esportiva (Brandão, 2000, p. 2).

Além de questões psicossociais, envolvendo aspectos mais gerais da vida do atleta, existem propriedades do jogo em si que de alguma maneira solicitam o trabalho/estudo dos Psicólogos do Esporte. O jogo de futebol envolve estratégias táticas, técnica, preparação psicológica e física. Existem inúmeras variáveis que podem interferir no resultado e/ou no desempenho de uma equipe ou atleta específico.

Rose Jr. (1997) coloca que os atletas de modalidades de esportes coletivos, como o futebol, estão suscetíveis aos mais diferentes tipos de pressão interna e externa, sendo que as pressões internas abarcam as expectativas de sucesso, as percepções frente as derrotas e vitórias, bem como as metas pessoais. E as pressões externas compreendem a avaliação do desempenho dos técnicos, o comportamento da torcida e as críticas das pessoas ao seu redor (companheiros de equipe, família e imprensa). Observando as diferentes modalidades de pressão aos quais os atletas são acometidos, é possível tentar compreender a relação entre seu desempenho, a pressão e as causas às quais os atletas atribuem seus resultados.

A compreensão dessa relação, baseada na busca humana por padrões que expliquem os fenômenos é objeto de estudo da Psicologia dentro da abordagem teórica conhecida como Cognição Social. Mais especificamente, dentro da cognição social existe a teoria da atribuição de causalidade, usada como referencial teórico neste trabalho.

O conceito de cognição social foi descrito por Taylor et al. (2005) como “o estudo de como as pessoas formam inferências com base nas informações sociais fornecidas pelo ambiente” (p.65). Nesta interação à qual os autores fazem referência, é possível entrar em contato com diversas pessoas e grupos, em diferentes níveis. Há, nesse processo de

socialização, um intenso intercâmbio de estímulos e informações, que são coletados e processados, formando julgamentos.

A cognição social concerne a esse processo cognitivo, bem como suas tendenciosidades, heurísticas, esquemas sociais e a tendência de buscar descobrir as causas do comportamento, através do qual se dá sentido aos ambientes sociais do dia-a-dia (Rodrigues et al., 2000). Para os mesmos autores “neste contato com o ambiente social que nos circunda, formamos uma ideia de nós mesmos (autoconceito) e tendemos a categorizar nosso ambiente de forma a tornar mais fácil o relacionamento com o mesmo” (p.53). Assim, por conta dessas tendências, são criados os rótulos para pessoas e grupos e, por meio deles, é possível categorizar essas pessoas rapidamente em algum dos grupos previamente teorizados, com base nas primeiras impressões que se tem dessas pessoas, o que gera uma espécie de economia cognitiva.

Os psicólogos sociais cognitivos têm estudado os fatores que influenciam o processo perceptivo. É fato que as pessoas recebem uma variedade de estímulos sensoriais, porém só uma pequena quantidade deles é percebida. Essa diferença na percepção é chamada de Seletividade Perceptiva (Rodrigues et al., 2000). Dentro disso, a percepção que se tem de si mesmo é um dos principais objetos de interesse da Psicologia Social Cognitiva. O autoconceito também é formado pela comparação com outras pessoas e pela relação entre como nos relacionamos e nos comparamos com outros (Rodrigues et al., 2000).

O processo de percepção de pessoas difere do de percepção de coisas porque pessoas são percebidas, assim como também são capazes de perceber e de mudar o comportamento. Fritz Heider, ainda na década de 1950, destacou uma outra característica relevante na percepção de pessoas, que está relacionada à necessidade de atribuir causas aos fenômenos que observamos, porque desejamos conhecer a fonte de nossas experiências, saber de onde vêm e como surgem. Buscar por elos que permitam relacionar com precisão eventos causais e

suas consequências é o que torna possível a previsão de comportamentos futuros e sua eventual modificação (Dela Coleta & Godoy, 1986). A ideia de Heider é reafirmada por Dela Coleta (1982, quando diz que "a atribuição de causalidade, isto é, a busca de explicações acerca do porquê das ocorrências, seria elemento poderoso para que o ser humano pudesse compreender e controlar o seu comportamento, o comportamento do seu semelhante e seu próprio mundo" (p.5).

Para entender mais sobre esse ponto, é preciso considerar o que é a análise ingênua da ação. Para Heider (1958, citado por Rodrigues et al, 2000), uma ação qualquer, X, se dá primeiramente em função de dois fatores: poder (*can*) e tentar (*try*). O primeiro diz respeito à relação entre o autor da ação e o ambiente (por exemplo: eu posso -ou consigo- chutar uma bola). O segundo, "tentar" (*try*) refere-se ao fator motivacional, ou seja, a vontade de realizar a ação (por exemplo: eu quero chutar uma bola). A relação entre as duas é multiplicativa, ou seja, se algum deles for zero, o produto final será zero e a ação não é realizada. Em outras palavras, seguindo o exemplo, "querer chutar uma bola e não poder chutá-la" resulta na não realização da ação e "não querer chutar uma bola e poder chutá-la" resulta na não realização da ação.

A partir disso, a relação entre as forças pessoais e as forças ambientais, que é aditiva, também deve ser considerada. Caso a força pessoal seja nula, e não haja ação para mover uma bola, por exemplo, ainda assim uma força ambiental (como o vento) pode mover a bola, independentemente da vontade de deixá-la parada. Nesse sentido, caso uma das forças não seja nula, ocorre a ação.

Com esta análise ingênua da ação humana, Heider deixou claro que nossas ações podem derivar de causalidade pessoal ou impessoal. A causalidade pessoal é caracterizada pela atribuição da causa de uma determinada ação às pessoas diretamente envolvidas, a elementos internos e dependentes do controle do indivíduo, como, por exemplo, as

características da personalidade, o esforço e a intenção. A causalidade impessoal difere-se pelo fato de a atribuição ser feita às circunstâncias, a componentes presentes no ambiente, subordinados às forças externas e que não estão sob o controle do indivíduo, como regras sociais, as dificuldades e facilidades da tarefa e as características de outras pessoas.

Para Rodrigues et al. (2000), a primeira tentativa de apontar fatores relevantes na atribuição de um ato a uma disposição subjacente (causalidade pessoal) foi apresentada por Jones e Davis, na década de 1960, a partir da proposta de sistematizar e estabelecer princípios sobre como um observador faz inferências e atribui intenção à ação de outras pessoas, recorrendo apenas ao comportamento apresentado. Rodrigues et al. (2000) também citam que Harold Kelley, em 1967, integrou outros princípios importantes em relação à percepção do indivíduo sobre as causas do seu próprio comportamento e o de outros:

(1) *especificidade*, que implicaria na resposta para a questão “a pessoa emite este comportamento frente a qualquer estímulo ou apenas quando um estímulo específico está presente?”

(2) *constância*, que se refere à exibição do comportamento em ocasiões diferentes com a presença do mesmo estímulo.

(3) *consenso*, que averigua se outras pessoas reagem da mesma forma diante do estímulo.

O principal aspecto da contribuição de Kelley foi a relação que pôde ser estabelecida entre os princípios citados. Kelley notou que quando um comportamento tem baixa especificidade, alta constância e baixo consenso, tendemos a fazer uma atribuição interna. Por outro lado, caso o comportamento caracterize-se por alta especificidade, alta constância e alto consenso, tendemos a fazer uma atribuição externa para esse comportamento.

Posteriormente, Kelley propôs outros dois princípios relacionados ao processo de atribuição de causalidade, mais especificamente à causalidade pessoal. O princípio do

desconto refere-se ao fato de “descontarmos” o papel de outras possíveis causas quando uma delas se destaca como a provável responsável pela ocorrência de um determinado evento. O princípio do aumento refere-se a situações nas quais uma pessoa enfrenta dificuldades, obstáculos a fim de emitir um determinado comportamento e, nessas condições, a atribuição tende a ser no sentido de que a causa desse comportamento reside na pessoa, decorre de uma disposição sua de agir daquela forma. Em suma, o esforço gasto para superar as dificuldades aumenta nossa percepção de causalidade interna da ação (Rodrigues et al., 2000).

Com base nas propostas anteriores, Bernard Weiner liderou, também influenciado por outros pesquisadores como Julian Rotter, Lee Ross, Jones e Nisbett, uma das linhas de pesquisa que mais se desenvolveu na área da atribuição de causalidade. Weiner propôs a utilização de algumas causas básicas principais às quais seriam atribuídos os resultados de sucesso ou fracasso obtidos na realização de uma tarefa. Primeiramente propôs quatro causas (capacidade, esforço, dificuldade da tarefa, e acaso) e, posteriormente, expandiu para oito causas explicativas da realização em tarefas acadêmicas: capacidade, esforço, dificuldade da tarefa, acaso, temperamento, cansaço, influência do professor e de outras pessoas (Dela Coleta & Godoy, 1986).

Apesar de realizar experimentos relacionados a tarefas acadêmicas, a teoria de Weiner abarca um amplo espectro de fenômenos sociais, tais como o fracasso e sucesso, conceitos muito presentes no esporte. Segundo Dela Coleta e Godoy (1986), a singularidade da teoria de Weiner consiste na proposta de uma nomenclatura científica de dimensões causais e no estabelecimento das ligações existentes entre tais dimensões e determinadas emoções e comportamentos. As causas a que são atribuídos os resultados positivos ou negativos em realização podem ser agrupadas segundo três dimensões topográficas, chamadas de "dimensões causais":

1. *Locus* de causalidade, em que as causas são atribuídas a fatores internos ou externos ao indivíduo. Exemplos de causas internas seriam o esforço, capacidade, e estado de ânimo e de causas externas a ajuda de outras pessoas, a dificuldade de tarefa e o acaso.

2. Estabilidade, em que causas que ocorrem com muita frequência ou ocorrem apenas de vez em quando. Esforço estável, capacidade, ajuda estável e dificuldade da tarefa seriam consideradas como estáveis e esforço instável, estado de ânimo, ajuda instável e acaso como instáveis.

3. Controlabilidade, em que causas que podem ser controladas ou não pelo indivíduo. Causas como esforço estável, esforço instável e ajuda são consideradas como “controláveis” e acaso, capacidade, dificuldade da tarefa e ânimo como “incontroláveis”.

Especialmente quando o evento é importante, negativo e, principalmente, inesperado, o indivíduo busca atribuir uma causa a ele. Assim que identificada uma causa, ela pode ser avaliada em suas dimensões: é interna ou externa? É estável ou instável? E, por fim, é controlável ou incontrolável?

Segundo a teoria proposta por Weiner et al. (1978, citado por Rodrigues, 1984a), existem determinadas emoções que surgem em decorrência de certas atribuições causais. A dimensão *locus* está ligada a emoção de orgulho e à autoestima; *estabilidade* influencia na expectativa de acontecimento igual ou diferente no futuro; e *controlabilidade* está associada às emoções de vergonha, culpa e, quando em relação a outra pessoa, as emoções de raiva, gratidão ou pena.

De acordo com Rodrigues et al. (2000), a sequência de processamento das informações postulada na teoria de Weiner respeita a seguinte ordem:

1. ocorre um evento,
2. uma causa é atribuída para este evento,
3. as dimensões causais são determinadas,

4. emoções são geradas,
5. com base emoções, comportamentos específicos são desempenhados.

Conforme sintetiza Rodrigues (1984b), o modelo de Weiner permite uma série de predições de singular importância teórica e prática. Para ele, as pessoas são, de fato, capazes de fazer atribuições causais em situações complexas relacionadas ao desempenho, em que sucesso e fracasso são interpretados através da mediação de elementos cognitivos, com atribuição de habilidade, esforço, natureza da tarefa ou acaso. O tipo de atribuição vai influenciar reações afetivas e expectativas que, por sua vez, condicionam a resposta.

Dessa forma, pessoas com escores altos em motivação à realização tendem a assumir mais responsabilidade pessoal (capacidade, esforço) pelo sucesso que pessoas com escores baixos nesta variável e tendem a atribuir mais seu fracasso à falta de esforço (fator interno, instável e controlável) que à falta de capacidade. Por sua vez, pessoas com escores baixos em motivação à realização tendem mais a atribuir o fracasso à sua falta de capacidade (fator interno, estável e incontrolável).

Ainda conforme Rodrigues (1984b), os estudos de Weiner e seus colaboradores também mostraram que as pessoas tendem a atribuir seus êxitos mais a fatores internos (capacidade e esforço) que a fatores externos (facilidade da tarefa e sorte). Tais achados são interpretados como decorrentes da ação de um viés cognitivo denominado "autosservidor" ou "egotismo". A necessidade de proteger o "eu" induz a tendenciosidade a atribuir nossos fracassos a causas externas e nossos sucessos a causas internas.

O modelo motivacional baseado na mediação cognitiva atribucional de Weiner tem importantes consequências práticas. Nas situações específicas do Esporte as pessoas também buscam explicações para o sucesso ou fracasso, próprio ou de outrem, traduzido em vitórias ou derrotas. Esse processo de especulação pode ser explicado através da teoria de Atribuição Causal. Por exemplo, o treinador que se deixa levar por sua tendência à rotulação de seus

atletas e que rotula uns tantos de incapazes estará induzindo no atleta a tendência de atribuir seus fracassos a um fator estável, interno e incontrolável, o que, muito provavelmente, o levará ao desamparo e à conseqüente incapacidade de enfrentar com êxito suas dificuldades. Algo similar se dá em jovens onde, no processo de iniciação esportiva, o mesmo tipo de atribuição pelo insucesso acarretará a passividade, o desalento e o desamparo. Pensando no esporte de alto rendimento, as atribuições feitas em relação ao próprio desempenho podem influenciar no comportamento do atleta positivamente. Um exemplo é o atleta que entende que suas derrotas são causadas por pouco esforço nos treinamentos (causa controlável) e com isso tende a se esforçar mais para conseguir resultados melhores.

Brawley e Roberts (1984) concluíram que, diante de um evento de insucesso, atletas bem sucedidos tendem a apontar causas externas e instáveis, como um adversário difícil, por exemplo. Explicações desse tipo tendem a proteger a autoestima e a confiança dos atletas em suas habilidades. Esse fenômeno, já mencionado, é chamado de *Egotismo* ou *tendenciosidade autosservidora*. Fullin e Mills (1995) postularam que atletas mais especializados, ou seja, aqueles que participam de níveis competitivos mais altos enxergam a si mesmos como tendo mais habilidade, tendendo a atribuir o próprio sucesso a causas internas e estáveis.

Benck e Valdés (2005) realizaram um estudo para avaliar dados relativos à validade de construto da versão brasileira da Escala de Dimensão Causal (CDS II). A partir de uma amostra de duzentos e um atletas federados, de ambos os sexos, com idade entre 12 e 17 anos e de quatro diferentes modalidades esportivas (Judô, natação, basquete e ginástica) os autores concluíram que a estrutura fatorial de três fatores encontrada (Controle Pessoal, Controle Externo e Estabilidade) corresponde às três dimensões causais propostas pela teoria atribucional original de Weiner (1986), sendo coerente com os pressupostos teóricos do próprio construto.

Benck e Valdés (2006) realizaram outro estudo com os mesmos atletas do estudo anterior (judô, basquete, natação e ginástica), buscando determinar as atribuições de causas ao sucesso e o fracasso feitas por jovens atletas e perceber as possíveis diferenças entre as modalidades pesquisadas. Os resultados da análise mostram que 73,6% dos atletas apresentam uma percepção de sucesso; 6,0% possuem uma percepção de fracasso e 20,4% tem sua percepção indefinida. Os resultados da análise indicaram que os atletas com maior percepção de sucesso, em relação aos atletas com maior percepção de fracasso nos seus desempenhos gerais, consideram como mais estáveis as causas de seus resultados e as atribuíram a um maior controle pessoal o que corrobora a teoria, concluindo que quanto maior a percepção de sucesso, mais internas e estáveis são as causas das suas performances.

Benck et al. (2006) testaram a estrutura empírica da Escala Brasileira de Atribuição Causal (EBAC), instrumento para medir as atribuições realizadas por atletas, quando refletem sobre seus sucessos ou fracassos esportivos. Neste estudo 438 atletas de onze modalidades (Judô, Natação, Ginástica Olímpica, Ginástica Rítmica, Handebol, Saltos Ornamentais, Voleibol, Tênis, Squash, Atletismo e Nado Sincronizado) de ambos os sexos, com idades entre 10 e 17 anos tiveram suas atribuições causais avaliadas segundo os fatores propostos pela EBAC. A escala EBAC foi proposta como uma alternativa brasileira aos instrumentos que buscam mensurar as dimensões das atribuições de causalidade. A escala define o processo atribucional de causas de acordo com quatro dimensões: locus de causalidade (interno ou externo), estabilidade (estável ou instável), controlabilidade pessoal e controlabilidade externa. Como resultado da Análise Fatorial Confirmatória ficou demonstrado que o modelo de quatro fatores propostos na EBAC tem uma validade excelente e a melhor estrutura fatorial quando comparada com os modelos de um ou três fatores.

Na Espanha, González-Boto et al. (2006) realizaram uma pesquisa envolvendo atletas de esportes coletivos, como futebol, futsal e basquete. No estudo foram analisados o

papel da habilidade, do esforço, da sorte e da dificuldade da tarefa nas atribuições de sucesso e fracasso e se se existiam diferenças entre jogadores com diferentes níveis de competição. Participaram 143 homens, com idades compreendidas entre 17 e 25 anos. Os resultados obtidos revelaram que em termos de dimensionalidade, os vencedores atribuíram causas que sugeriam mais *locus* de controle interno do que perdedores, mas nenhuma diferença clara apareceu em termos de estabilidade, porque os fatores estáveis e instáveis foram percebidos como importantes, independentemente de o desempenho ter êxito ou não. A pesquisa sugere ainda que atletas mais experientes, que dedicaram tempo e energia consideráveis a um esporte em particular, podem ser mais suscetíveis ao egotismo na atribuição de causalidade.

Em Portugal, Sousa et al. (2008a) fizeram uma análise das atribuições causais do sucesso e do insucesso na competição, em função do nível competitivo dos futebolistas portugueses. Foi analisada uma amostra de 125 jogadores de futebol, que participaram em três níveis competitivos do futebol português (II Divisão; III Divisão; I Divisão Distrital), e foram apresentados resultados quanto aos mecanismos de percepção de causalidade revelados pelos atletas em função dos diferentes níveis competitivos nos quais estão inseridos. O estudo concluiu que os atletas de diferentes níveis competitivos percebem de forma distinta as causas relativas aos seus resultados positivos e negativos. Verificou-se que os jogadores que competem em divisões superiores desvinculam-se mais, tanto dos seus sucessos como dos insucessos, ao considerarem as causas que lhes deram origem como menos internas e menos passíveis de controle pessoal que os seus jogadores que competem em níveis inferiores.

Um dado particularmente relevante deste estudo remete para o fato dos jogadores, independentemente da divisão em que competem, mencionarem sistematicamente causas mais internas, estáveis e passíveis de controle pessoal na explicação dos seus sucessos quando comparados com os insucessos. Outro dado apresentado na pesquisa revela que a instabilidade, dimensão comum a todos os grupos nas situações de insucesso, poderá fazer

supor uma expectativa de resultado diferente em futuras competições, contribuindo assim, para a manutenção de padrões elevados ao nível da autoestima. Os autores afirmam que os dados parecem sugerir a existência de uma tendência para os atletas assumirem, em maior proporção, a responsabilidade do sucesso em detrimento da situação de fracasso. Este fenômeno torna-se mais evidente nos atletas com maior responsabilidade competitiva ao assumirem como menos internas, menos passíveis de controle pessoal e mais instáveis e passíveis de controle externo as causas relativas aos resultados negativos. Dessa forma, finalizam, “será perfeitamente legítimo pensar-se que os atletas que competem em níveis superiores de rendimento utilizam, também, o egotismo, como fonte influenciadora da explicação causal dos seus resultados desportivos” (Sousa et al., 2008a, p. 8).

No estudo de Sanches & Resende (2010) participaram 280 homens, jogadores de futebol, de 28 times de Brasília-DF, que disputaram três níveis de competições. Os autores observaram que estresse relacionado a situações de fracasso, iminente ou real exercem influências negativas no rendimento. Pensando nas atribuições de causalidade podemos relacionar o estresse ligado às situações de fracasso com os sentimentos negativos e suas implicações para a motivação e disposição ao esforço. A atribuição de causalidade pode influenciar os sentimentos. Eventos estressores provenientes de situações de fracasso podem ser interpretados de maneira distinta, dependendo da atribuição causal feita a eles.

Campos et al. (2011) buscaram identificar o quanto os fatores motivacionais determinam a permanência de jovens atletas no voleibol de alto nível. O estudo contou com 96 atletas (46 meninas e 50 meninos) federados por um clube de grande porte do Rio de Janeiro. Os fatores que, segundo a média, mais motivaram os atletas foram, pela ordem: Aperfeiçoamento Técnico, Saúde, Afiliação, Condicionamento Físico, Status, Liberação de Energia e Contexto. Foi constatado pelas autoras que, independentemente da categoria ou gênero, o fator motivacional Aperfeiçoamento Técnico é considerado o mais importante em

todos os casos, fato explicado pelas autoras devido aos participantes da pesquisa se encontrarem em perspectiva de competição/rendimento. Pensando nas atribuições de causalidade, estudos como esses podem ajudar a compreender o fenômeno motivacional de forma mais abrangente e específica. Abrangente pela possibilidade de fazê-los em diversos esportes e específica por trazer resultados que podem ser mais adequados a cada categoria, sexo, nível competitivo, etc. É de suma importância que se entenda o que e como se motiva atletas para que haja manutenção do alto rendimento.

O trabalho de Aldridge e Islam (2012) contou com 114 atletas, sendo 59 do Japão (30 homens e 29 mulheres) e 55 da Austrália (35 homens e 20 mulheres) que competiram nas Olimpíadas de Sydney. As atribuições foram extraídas de páginas de esportes de jornais australianos e japoneses e foram avaliadas por *locus* e controlabilidade. Ao contrário do que esperavam os autores, os atletas japoneses atribuíram vitórias a causas que eram mais controláveis do que as atribuídas às perdas, de maneira similar aos australianos. Além disso, homens japoneses e australianos atribuíram vitórias a causas mais internas do que as causas que atribuíam às perdas. Também foram identificadas diferenças de gênero na atribuição, de modo que homens, mas não mulheres, atribuem vitórias a causas mais internas do que as causas às quais atribuíram suas perdas. Tanto atletas do sexo masculino quanto feminino atribuíram suas vitórias a causas mais controláveis do que aquelas às quais atribuíram suas perdas. Também contrariamente às previsões dos autores, os vieses autosservidores foram demonstrados, pelo menos em certa medida, por atletas de ambas as nacionalidades. As mulheres, no entanto, atribuíram vitórias e perdas a causas que não diferiram significativamente em termos de *locus*. Todos os atletas tendiam a atribuir vitórias a causas que eram mais controláveis do que as causas às quais as perdas eram atribuídas.

Hua e Tan (2012) analisaram relatos da mídia sobre a atribuição de sucesso por medalhistas de ouro americanos e chineses nos Jogos Olímpicos de Verão de 2008, em

Pequim. Os resultados mostram que os atletas chineses atribuíram o sucesso a fatores situacionais, como apoio e incentivo de pessoas socialmente importantes, motivação social e orgulho nacional. Os atletas americanos atribuíram o sucesso a fatores disposicionais (internos), como características pessoais e auto-motivação. Esses resultados sugerem que relatos individuais de sucesso na mídia são consistentes com normas e valores culturais. Uma comparação de temas mostra que nas entrevistas dos medalhistas de ouro dos EUA na televisão americana era mais provável que eles atribuíssem seu sucesso a habilidades atléticas, personalidade, estilo individual e desejo de vencer. Nas entrevistas de televisão na China, por outro lado, era mais provável que os atletas atribuíssem seu sucesso ao treinamento rigoroso, às expectativas de outros e ao orgulho nacional. Outra diferença significativa foi em relação ao suporte, onde os chineses eram mais propensos do que os americanos a reconhecerem as contribuições do treinador.

Allen (2012) fez uma revisão sistemática sobre atribuição causal no esporte e identificou 167 artigos empíricos de atribuição esportiva (abrangendo 202 amostras independentes) publicados entre 1954 e fevereiro de 2011, ressaltando que a pesquisa de atribuição no esporte tem sido criticada por ter um foco bastante restrito na teorização de Weiner. Os resultados indicaram que 97 dos 167 estudos de atribuição relataram dados relativos a um viés de atribuição. Desses, 64 relataram dados sobre o viés autosservidor tradicional de praticantes de esportes individuais, 22 estudos relataram dados sobre o viés de atribuição de serviço à equipe, 8 estudos relataram dados sobre um viés de atribuição dentro da equipe e 17 estudos relataram viés autosservidor do observador de esportes.

Em boa parte dos estudos nota-se uma confirmação de vieses e hipóteses existentes na literatura da Atribuição Causal. As atribuições podem ser uma fonte poderosa de motivação, influenciando emoções, decisões, expectativas e comportamentos. Seu estudo, portanto, possui potencial para análises passadas e projeções, bem como o planejamento de

intervenções em situações ligadas ao esporte. Nas situações específicas do Esporte as pessoas também buscam explicações para o sucesso ou fracasso, próprio ou de outrem, traduzido em vitórias ou derrotas. Esse processo de especulação pode ser explicado através da teoria de Atribuição Causal. No futebol, graças ao alto grau de imprevisibilidade, os fatores que determinam o resultado final variam bastante. Compreender os processos atribucionais relacionados ao próprio desempenho pode ajudar no processo de preparação psicológica dos jogadores. Tendo evidência dessa relação, é possível planejar estratégias de intervenção baseadas em atribuição de causalidade, considerando que as atribuições interferem nas emoções, expectativas e esforço, o que, conseqüentemente, pode influenciar no rendimento dos atletas.

Assim, a partir das evidências empíricas, seria possível propor ajustes nas atribuições de causalidade feitas por jogadores de futebol, a fim de evitar sentimentos que possam afetar negativamente o desempenho e/ou fomentar sentimentos que possam afetar positivamente o desempenho. Em suma, conhecendo os estilos atribucionais é possível intervir em busca de emoções, expectativas e esforço condizentes com a realidade.

É importante ressaltar que, ainda que o futebol seja o esporte mais popular do país, relativamente poucas pesquisas usam amostras de futebolistas e quase nenhuma investigou a atribuição de causalidade desses atletas. A atribuição causal no esporte costuma ter como base outros esportes, coletivos e individuais.

Por isso, o foco deste trabalho é contribuir na construção de um saber, especificamente no futebol, evidenciando padrões e/ou revelando contrapontos à teoria escolhida. A pergunta que se faz, portanto, é: Qual o peso da atribuição de causalidade ao desempenho dos atletas nas suas emoções, expectativas e disposição ao esforço?

Para responder essa pergunta, o objetivo geral deste trabalho é investigar o quanto as dimensões causais influenciam sentimentos, expectativas e disposição ao esforço em

jogadores de futebol. Objetivos específicos são: (a) Buscar uma estrutura interna fidedigna de um instrumento de avaliação dos sentimentos, expectativas e disposição ao esforço em jogadores de futebol, (2) investigar o quanto a autoavaliação do desempenho está relacionada às dimensões causais da atribuição ao desempenho, (3) mensurar o quanto sentimentos, expectativas e esforço são influenciados pelas dimensões causais da atribuição ao desempenho.

Método

Participantes

A amostra utilizada neste trabalho foi retirada do banco de dados da pesquisa de mestrado “Atribuição de Causalidade ao nível de competência em jogadores de futebol”, de Sá (2009). Foram utilizados os dados de 189 jogadores amadores de clubes de futebol das cidades de Uberlândia e Lavras, no Estado de Minas Gerais, com idades entre 14 e 40 anos. A média de idade foi de 21.58 anos ($SD = 5.30$). A maioria (38.89%) jogava na defesa (goleiro, zagueiro ou lateral), 36.17% no meio de campo (volante ou meia) e 23.93% no ataque (centroavante ou atacante). Informações mais detalhadas sobre as características dos participantes podem ser consultadas em Sá (2009).

Instrumentos

Os dados foram obtidos a partir das respostas ao Questionário Sobre Atribuição De Causalidade No Futebol (Anexo A). O instrumento é um roteiro de entrevista composto por 47 itens divididos em 7 blocos de informações. O primeiro é de caracterização geral do participante, o segundo de opiniões sobre a profissão de jogador de futebol, o terceiro sobre autoavaliação do desempenho como jogador de futebol e a descrição sobre as causas do desempenho, o quarto é a mensuração das dimensões atribucionais, o quinto é o composto por uma lista de emoções, o sexto avalia as expectativas como jogador de futebol e o sétimo o

nível de disposição ao esforço. Os dados do segundo bloco não foram utilizados, assim como a descrição das causas do comportamento.

Procedimentos

A coleta de dados foi realizada a partir do contato do pesquisador com dirigentes dos clubes, que o apresentava aos atletas. O pesquisador explicava a pesquisa aos jogadores e aos que concordavam em participar era entregue o Termo De Consentimento Livre e Esclarecido para ser assinado. Em seguida, em forma de entrevista, era aplicado o Questionário Sobre Atribuição de Causalidade no Futebol. As respostas de cada participante foram digitadas em uma planilha da versão 18 do programa de computador PASW Statistics, mas os dados foram analisados no programa JASP (versão 0.12.2.0).

Análise de dados

Para atender aos objetivos desta pesquisa foram adotados os seguintes procedimentos: inicialmente, foi observada a qualidade das correlações entre os itens de cada construto (emoções, expectativas e disposição esforço) por meio da medida geral de adequação da amostra, conhecido como índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). O passo seguinte foi realizar análises fatoriais exploratórias de cada construto, separadamente, verificando a dimensionalidade e as cargas fatoriais. Para verificar a dimensionalidade foi observado o gráfico de sedimentação e analisados os valores da análise paralela, indicando o número máximo de fatores possíveis de serem obtidos em cada bloco.

A partir dos resultados destas análises, foi realizada a extração, utilizando-se o método de Máxima Verossimilhança, com rotação Promax e supressão de itens com carga fatorial inferior a .40, conforme sugerido por Field (2010). Este valor adotado para a supressão está acima do mínimo comumente aceito, sendo considerado bastante rigoroso por Hair et al. (2009) e Tabachnik e Fidell (2007). Somado a isso, foram extraídos os dados de

fidedignidade da estrutura da escala por meio de alpha de Cronbach, ômega de McDonald e Greatest Lower Bound (GLB).

Uma regressão linear múltipla foi conduzida para determinar a influência de internalidade, estabilidade e controle como variáveis independentes nas variáveis dependentes emoções, expectativa e disposição ao esforço dos jogadores. Foi utilizado principalmente o método Enter para compreender o quanto as dimensões atribucionais simultaneamente impactam cada uma das variáveis dependentes. De forma complementar, foi utilizado o método Stepwise para verificar se alguma combinação específica de variáveis independentes poderia também explicar as dependentes. Foram observados os pesos padronizados e a significância, com critério de 95%.

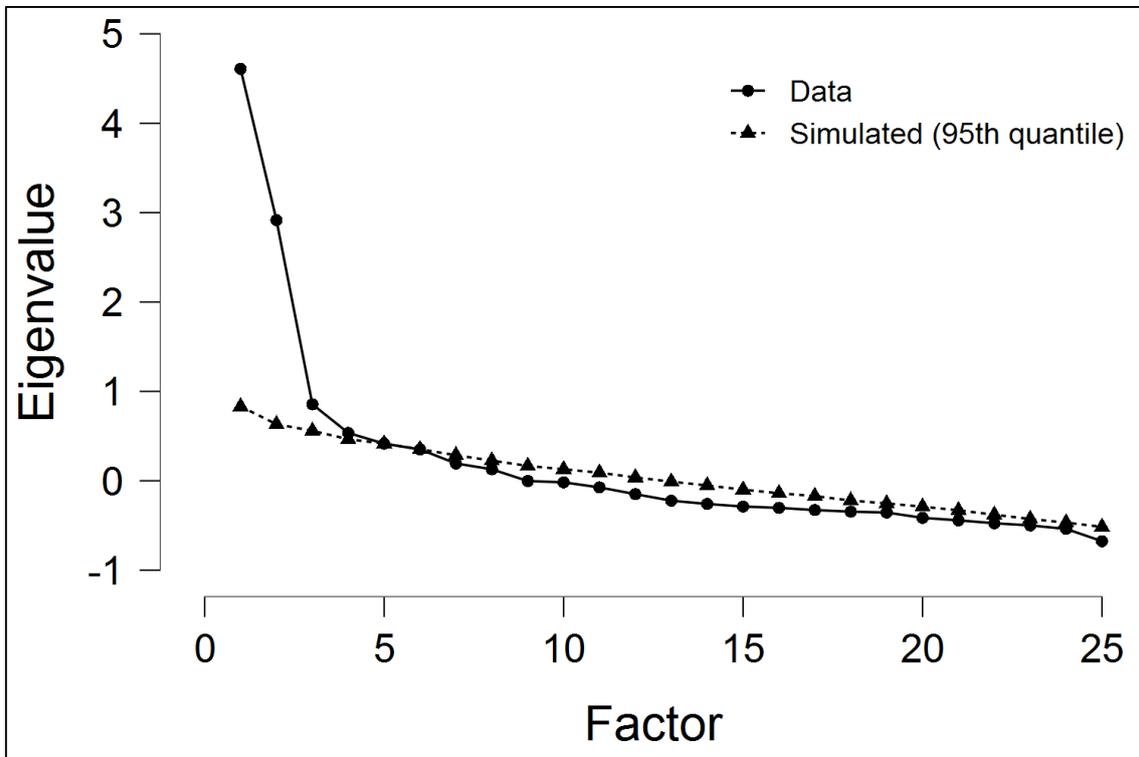
Em seguida foi realizado um teste t de Student para amostras independentes, a fim de avaliar a diferença entre as médias dos grupos “Juniore” e “Adultos”. Dessa forma se pôde avaliar a similaridade entre os diferentes grupos em relação à atribuição causal e às variáveis emoções, expectativa, disposição ao esforço.

Resultados

Para o primeiro bloco de itens do instrumento, referente às emoções dos atletas, o índice de adequação das correlações, oferecido pelo KMO, foi de .77, considerado adequado pela literatura (Hair et al., 2009). A análise paralela e o gráfico de sedimentação (Figura 1) sugeriram que o primeiro bloco do questionário poderia ser dividido em 3 fatores. A nomenclatura dos fatores utilizou o termo “sentimento” em vez de “emoção” porque embora a Teoria da Atribuição utilize o termo “emoção”, Kandel (2014) afirma que o conceito de emoção está mais ligado à respostas fisiológicas, comportamentais e cognitivas automáticas e geralmente inconscientes enquanto “sentimentos” são uma experiência consciente das emoções.

Figura 1

Gráfico de Sedimentação para emoções dos atletas



O primeiro fator, nomeado de Sentimentos Negativos, teve como componentes os itens arrependido, frustrado, desanimado, deprimido, angustiado, revoltado, com raiva, envergonhado e culpado. O fator 2, denominado Recompensa, teve como componentes os itens recompensado, realizado, conformado, aliviado, relaxado e motivado. O último fator, denominado Autoeficácia, incluiu os itens competente, confiante, capaz e seguro (Tabela 1).

A análise também indicou que os itens “cansado”, “orgulhoso”, “agradecido”, “surpreso”, “tranquilo” e “vitorioso” deveriam ser excluídos da estrutura por não possuírem, em nenhum dos três fatores, carga fatorial suficiente, de acordo com o critério já mencionado de .40. A variância total explicada pelos três fatores foi de .36.

Tabela 1

Tabela de cargas fatoriais para emoções dos atletas

	Sentimentos Negativos	Recompensa	Autoeficácia
Frustrado	.750		
Angustiado	.727		

	Sentimentos Negativos	Recompensa	Autoeficácia
Deprimido	.700		
Revoltado	.666		
Com raiva	.656		
Desanimado	.646		
Culpado	.591		
Envergonhado	.580		
Arrepentido	.450		
Aliviado		.715	
Conformado		.701	
Realizado		.692	
Recompensado		.577	
Relaxado		.539	
Motivado		.476	
Confiante			.688
Competente			.624
Seguro			.505
Capaz			.459
Variância	.167	.122	.070

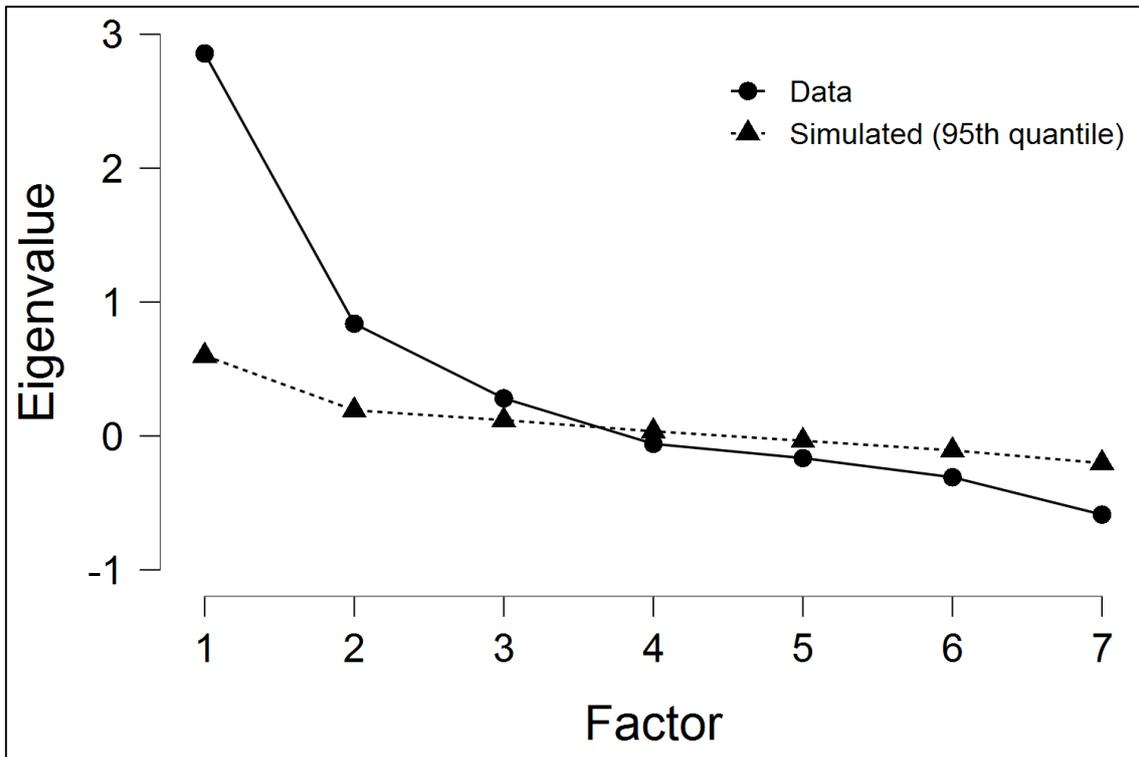
Em relação à fidedignidade da estrutura da escala constatou-se que os resultados para cada fator variaram. O valor GLB foi de .93 para Sentimentos Negativos, considerado excelente. O ômega de McDonald foi .87 e o Alfa de Cronbach .78. Para Recompensa o valor do GLB foi de .84, considerado muito bom e os valores do ômega de McDonald e alfa de Cronbach foram respectivamente .78 e .78. Para Autoeficácia o GLB foi de .73, considerado bom e os valores do ômega de McDonald e alfa de Cronbach foram .66 e .66, respectivamente.

Para o segundo bloco de itens, referente às expectativas, o índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi .70, valor adequado. Utilizando a análise paralela de Horn e o gráfico de sedimentação (Figura 2) dois fatores foram sugeridos. No entanto, o segundo fator foi composto por apenas dois itens. Como é recomendado um número mínimo de três itens por

escala para produzir soluções convergentes de maneira confiável (Robinson, 2018), optou-se por realizar uma análise extraindo apenas um fator.

Figura 2

Gráfico de Sedimentação para expectativas dos atletas



A análise das cargas fatoriais nesse modelo unifatorial revelou seis itens com carga fatorial mínima para serem mantidos. Os itens referentes à expectativa de ser jogador profissional, ser um jogador profissional de sucesso e de ter desempenho a longo prazo foram os itens com maior carga fatorial.

O item que avalia a expectativa de ser jogador profissional obteve a maior carga, de .80 e apenas aquele que avalia o quanto o atleta ficaria decepcionado se não chegasse a ser um jogador de futebol profissional de sucesso foi excluído da estrutura, por não possuir carga fatorial suficiente no fator, de acordo com o critério já mencionado de .40. (Tabela 2). Em relação à fidedignidade da estrutura da escala, por meio de alpha de Cronbach e ômega de

McDonald, e o GLB foram, respectivamente de .79, .82 e .90. O valor do GLB pode ser considerado muito bom.

Tabela 2

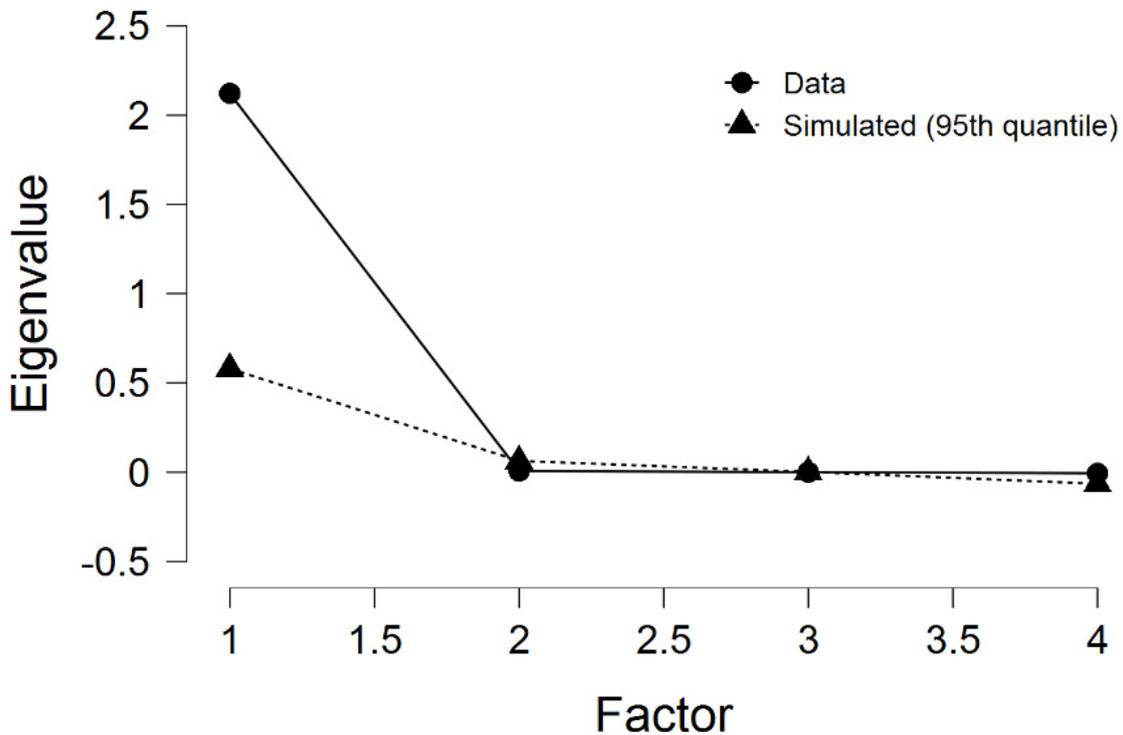
Tabela de cargas fatoriais para expectativas dos atletas

	Cargas Fatoriais
Expectativa de se tornar jogador profissional	.801
Expectativa de se tornar jogador profissional e ter sucesso	.789
Expectativa como jogador em 5 anos	.750
Expectativa como jogador em 1 ano	.673
Expectativa de nunca ser jogador de profissional	.468
Expectativa como jogador em 1 mês	.453
Variância	.408

No terceiro bloco de itens, referente à disposição ao esforço, o valor obtido do KMO foi de .80. A análise paralela de Horn e do gráfico de sedimentação (Figura 3) mostraram que os itens constituíram um único fator.

Figura 3

Gráfico de Sedimentação para disposição ao esforço dos atletas



Com relação à análise das cargas fatoriais, todos os itens do bloco obtiveram carga fatorial suficiente. Dois dos itens relacionados à disposição ao esforço (treinar e diminuir o tempo de lazer) obtiveram valores acima do 0.71 proposto por Pett et al. (2003) como excelentes. O item relacionado a treinar mais foi o que obteve maior carga fatorial. (Tabela 3). Os resultados referentes à fidedignidade foram: alfa de Cronbach de .81, ômega de McDonald de .82 e GLB de .82.

Tabela 3

Tabela de cargas fatoriais para disposição ao esforço

	Cargas fatoriais
Disposição para aumentar o tempo de treinamento	.811
Disposição para abrir mão de horas de lazer	.771
Disposição para se esforçar	.689
Disposição para aceitar treinador mais exigente	.629

	Cargas fatoriais
Variância	.530

Verificadas as propriedades psicométricas, a etapa seguinte de análise foi investigar, por meio de regressão linear múltipla, o quanto emoções, expectativas e disposição ao esforço são influenciados por internalidade, estabilidade e controle, as três dimensões causais.

O primeiro resultado mostrou que as variáveis que representam atribuição causal não explicaram significativamente o grau de sentimentos negativos relatados pelos atletas participantes da pesquisa, como mostra a Tabela 4 .

Tabela 4

Coefficientes de regressão de dimensões causais em sentimentos negativos

	Padronizado	<i>t</i>	<i>p</i>
Causalidade	-0.018	-0.223	.823
Estabilidade	0.008	0.106	.916
Controle pessoal	-0.002	-0.025	.980

Em relação aos sentimentos de recompensa, 3,6% de sua variação pode ser explicada pelas variáveis preditoras. No entanto, apenas a variável estabilidade é estatisticamente significativa. Ela é a melhor variável do modelo, tendo o maior peso, medido pelo coeficiente padronizado beta. Em outras palavras, a variável estabilidade é a que, dentre as três, pode melhor prever os sentimentos do fator denominado Recompensa (Tabela 5).

Tabela 5

Coefficientes de regressão de dimensões causais em sentimentos de recompensa

	Padronizado	<i>t</i>	<i>p</i>
Causalidade	-0.039	-0.483	0.630
Estabilidade	0.191	2.461	0.015
Controle pessoal	0.104	1.324	0.187

Quando a análise é feita pelo método Stepwise, a variável estabilidade melhora ligeiramente o valor de significância, apresentando 0,005. O valor de t também aumenta, ficando em 2,863. E seu beta sobe para 0,207. O R^2 ajustado sobe de 3,6% para 3,7% no modelo com apenas a variável estabilidade.

As dimensões causais explicaram 12,3% da variação nos sentimentos de autoeficácia (Tabela 6). Controle pessoal é a melhor variável do modelo, tendo o maior peso padronizado, seguida por Estabilidade. A variável causalidade não apresentou valor estatisticamente significativo. Portanto, a autoeficácia é explicada pelas variáveis controle pessoal e estabilidade. Isso quer dizer que quanto maiores a atribuição ao controle pessoal e estabilidade, maiores as probabilidades dos sentimentos de autoeficácia nos atletas.

Tabela 6

Coefficientes de regressão de dimensões causais em sentimentos de autoeficácia

	Padronizado	t	p
Causalidade	0.004	0.053	.958
Estabilidade	0.155	2.093	.038
Controle pessoal	0.295	3.928	< .001

Analisando através do método Stepwise, a porcentagem de explicação subiu para 13%, também ligeiramente maior que pelo método Enter. Neste modelo, as dimensões Controle Pessoal ($t = 4.16$, $p = < .001$) e Estabilidade ($t = 2,18$, $p = .03$) continuam sendo estatisticamente significativas. Os valores do beta para Controle pessoal e Estabilidade foram, .296 e .156, respectivamente.

Para a expectativa nenhuma das três variáveis atribucionais foi estatisticamente significativa pelo método Enter (Tabela 7). No entanto, por meio do método Stepwise, a variável controle pessoal passou a ter significância estatística ($t=2,39$, $p=0,018$) e o R^2 ajustado passou a ser de 0,025. O beta da variável foi de 0,173. Nesse caso, as outras variáveis, entrando forçadamente pelo método Enter, parecem prejudicam a variável Controle

Pessoal. Interpreta-se, portanto, que o nível de controle pessoal, individualmente, pode influenciar a expectativa do atleta.

Tabela 7

Coefficientes de regressão de dimensões causais em expectativa

	Padronizado	<i>t</i>	<i>p</i>
Causalidade	0.096	1.189	0.236
Estabilidade	0.090	1.165	0.246
Controle pessoal	0.113	1.426	0.156

Para a disposição ao esforço nenhuma das três variáveis preditoras foi estatisticamente significativa (Tabela 8). No entanto, pelo método Stepwise, a variável causalidade passou a ter significância estatística ($t=2,20$, $p=0,029$) e o R^2 ajustado passou a ser de 0,020. O beta da variável foi de 0,160. Assim como citado anteriormente, no método Enter a causalidade parece ser prejudicada quando as outras duas são inseridas forçadamente. Portanto, a causalidade, individualmente, explica significativamente a disposição ao esforço relatada pelos atletas.

Tabela 8

Coefficientes de regressão de dimensões causais em disposição ao esforço

	Padronizado	<i>t</i>	<i>p</i>
Causalidade	0.102	1.260	0.209
Estabilidade	0.097	1.237	0.218
Controle pessoal	0.070	0.884	0.378

Por fim, a última análise teve o objetivo de se descobrir possíveis diferenças significativas em relação às variáveis estudadas, entre os grupos de atletas juniores e adultos. Como mostra a Tabela 9, os resultados revelaram que não existem diferenças estatisticamente significativas nas dimensões causais entre os grupos. Na mesma tabela é possível observar que também não apresentaram diferenças estatisticamente significativas para as variáveis Sentimentos Negativos, Recompensa e Autoeficácia, do bloco de sentimentos. Portanto, tanto juniores quanto adultos apresentam resultados semelhantes.

Para a variável Expectativa há diferença considerada grande entre juniores e adultos. A análise revelou que jogadores juniores apresentaram maiores valores de expectativa do que jogadores adultos. A variável Disposição ao Esforço também variou entre os grupos, com os atletas juniores apresentando maior disposição ao esforço do que os adultos.

Tabela 9

Análise da diferença entre atletas juniores e adultos em atribuições, sentimentos, expectativas e disposição ao esforço

	Juniores		Adultos		W	p
	M (DP)	Mediana	M (dp)	Mediana		
Causalidade	7.856 (1,742)	8.000	7.896 (1.796)	8.000	4188.000	0.813
Estabilidade	6.891 (2.714)	7.000	7.260 (2.148)	8.000	4058.500	0.625
Controle pessoal	7.568 (1,934)	8.000	7.714 (1.746)	8.000	4162.500	0.759
Sentimentos Negativos	33.127 (17.145)	30.500	29.244 (17.465)	24.000	4938.500	0.078
Recompensa	41.991 (10.314)	44.000	43.423 (9.565)	44.000	4031.500	0.482
Autoeficácia	35.090 (4.064)	36.000	35.808 (3.590)	36.000	3938.000	0.289
Expectativa	46.063 (9.787)	48.000	35.910 (10.943)	32.500	6539.000	< .001
Disposição ao esforço	36.582 (5.065)	38.000	31.372 (9.247)	35.000	5898.000	< .001

Discussão

A análise fatorial é um método estatístico que permite definir a estrutura de uma matriz de dados a partir de uma organização teórica prévia. Em outras palavras, ela é o processo através do qual percebemos as correlações entre os itens de um teste, elaborados a

partir de uma teoria. Essas correlações permitem o agrupamento empírico de itens semelhantes teoricamente, o que é denominado como fator.

Nesta pesquisa, a análise fatorial permitiu identificar que as emoções dos atletas podem ser divididas em três fatores. O primeiro deles foi denominado Sentimentos Negativos, descritos, de maneira geral, como aqueles que promovem sofrimento e/ou esgotamento psíquico, levando a uma queda no rendimento dos atletas. Alterações de humor decorrentes dos sentimentos enunciados podem levar a perda de concentração, desvios de atenção, dificuldade em focar em estímulos mais relevantes para o jogo, dificuldade em controlar o estado de ativação, entre outros problemas que afetam o desempenho. Por exemplo, falhas em gestos técnicos, erros de posicionamento, sucessivas partidas sem jogar, além do próprio resultado final negativo de uma partida podem gerar sentimentos negativos nos atletas.

O segundo fator foi nomeado como “Recompensa”, composto por emoções que são geralmente entendidas como presentes em situações de bem-estar atrelado à realização eficaz de uma tarefa. Durante uma partida de futebol os jogadores precisam manter um nível de ativação que esteja entre um estado de tensão e relaxamento. Dessa forma, os sentimentos de recompensa seriam, a curto prazo, mais adequados ao final de uma partida vitoriosa. Em relação a eventos de médio e longo prazo os sentimentos de recompensa são cruciais para a manutenção da motivação dos atletas. O bom desempenho é resultado de treinamento consistente e, por isso, os jogadores devem estar motivados e se sentindo recompensados para que mantenham o rendimento nos treinos. Caso não se sinta recompensado o jogador pode sentir que seu esforço é “em vão” e diminuir o seu empenho com relação aos treinos e jogos.

O terceiro fator, denominado Autoeficácia, incluiu sentimentos relacionados com a segurança na realização de uma tarefa. Durante uma partida de futebol é imprescindível que um jogador esteja se sentindo apto a realizar as tarefas e tomar as decisões em campo. Em diferentes momentos da partida ele deve optar por tocar a bola para um companheiro ou para

outro, chutar no gol ou driblar o marcador, acompanhar um adversário ou “dar o bote” para roubar a bola, dentre várias situações nas quais ele toma decisões constantemente. Nesse sentido os sentimentos de autoeficácia são positivos no momento do jogo, a fim de uma melhor decisão em situações de pressão, comuns no futebol. Em um movimento contrário, as situações de jogo também afetam os sentimentos de autoeficácia do jogador. É comum ouvir em narrações de jogos que alguns atletas precisem dar um drible ou chutar uma bola no gol para “ganharem confiança”.

Em médio e longo prazo os sentimentos de autoeficácia podem afetar a motivação e a disposição ao esforço em treinos e jogos. Se o atleta tem alta autoconfiança atribuída ao seu “dom” ou capacidade inata de jogar bem (atribuição interna e estável) é possível que ele se empenhe menos em treinos e não se preocupe tanto com a preparação. De modo similar um atleta com baixa autoeficácia pode sentir-se pouco confiante em sua própria habilidade, porém acreditar que com treinamento ele possa melhorar (atribuição interna e instável), e assim passar a se preparar melhor e se esforçar mais nos treinamentos.

A partir da verificação da boa qualidade do instrumento, os resultados mostraram que as dimensões causais não explicaram significativamente o grau de sentimentos negativos. Segundo Rodrigues (1984a) certos estados emocionais só são intensamente experimentados quando o sucesso ou fracasso são atribuídos a determinadas causas. Os estudos de Weiner (1986, citado por Rodrigues et al., 2000) indicaram que os sentimentos de vergonha, raiva, culpa, gratidão e pena estão associados à dimensão de controle pessoal. Os resultados deste trabalho, porém, não confirmaram a teoria de Weiner nesse aspecto.

Já os sentimentos de recompensa foram explicados pela estabilidade. Aumentando a estabilidade aumenta o sentimento de recompensa. Lembrando do já mencionado viés autosservidor, pode-se inferir sua relação com esse resultado. Se as pessoas tendem a atribuir causas mais estáveis ao seu sucesso, é possível que a estabilidade atribuída pelos atletas cause

esse sentimento de recompensa maior para que eles protejam seu ego. Em outras palavras, ter consciência de que seu rendimento é estável gera mais sentimentos de recompensa do que entender que esse rendimento é algo efêmero.

Os sentimentos de autoeficácia foram explicados pela estabilidade e o controle pessoal. Quanto maior for a controlabilidade da causa, mais confiante para a realização da tarefa o jogador se sentirá. Ou seja, causas percebidas como mais controláveis parecem gerar sentimentos de competência nos atletas. A confiança, segurança e demais sentimentos descritos no fator também podem ser compreendidos através da estabilidade pensando que a estabilidade representa um controle maior do indivíduo sobre o ambiente e suas variações, o que aumenta a segurança e confiança. Quanto mais controlável e estável for uma causa, mais sentimentos de autoeficácia um atleta tende a apresentar.

Dentre as duas variáveis o controle pessoal tem peso maior do que a estabilidade. Pode-se pensar que gera mais autoeficácia uma causa controlável pessoalmente do que uma estável porque confiar em si mesmo é mais relativo ao controle pessoal da situação do que à probabilidade de que ela se repita. Caso um jogador entenda que seu bom desempenho é fruto de causas controladas por ele próprio (como esforço estável, esforço instável e ajuda), ele tende a apresentar mais sentimentos de autoeficácia. Compreender que esse rendimento é estável, que não mudará com facilidade também gera esses sentimentos, porém com menor intensidade.

É importante ressaltar que as causas acabam sendo complementares entre si. Não se pode precisar uma única dimensão causal, mas sim uma relação entre as três. Weiner et al. (1978, citado por Dela Coleta & Dela Coleta, 2006) realizaram estudos que descreviam possíveis reações emocionais relacionadas às dimensões atribucionais. Dentre os resultados percebeu-se que os adjetivos “competente” e “confiante” apareceram em atribuições feitas à capacidade, ou seja, à dimensão do *locus* de causalidade. Difere do resultado desta pesquisa,

onde a única variável que não possuiu valor estatisticamente significativa foi justamente a causalidade. Era esperado que os sentimentos de autoeficácia fossem mais relacionados com a competência ou qualidade, fatores internos.

De maneira geral a teoria de Weiner mostra que determinados sentimentos são comuns às dimensões causais. A partir dos estudos de Weiner et al. (1978, citado por Dela Coleta & Dela Coleta, 2006) pôde-se compreender que as reações emocionais experimentadas diante do sucesso e do fracasso na realização de uma tarefa variam influenciadas por fatores próprios da vida do indivíduo e pelas causas às quais ele atribui o resultado. Isso tudo, por sua vez, exerce influência sobre as expectativas e o comportamento futuro desse indivíduo.

Com relação à expectativa, os resultados apontaram que esta é influenciada pelo controle pessoal. Segundo Weiner (1986, citado por Rodrigues et al., 2000) a dimensão que influencia na expectativa é a estabilidade, diferente do resultado apresentado nesta pesquisa. Uma inferência que pode ser feita é a de que o alto nível de controlabilidade de uma situação é capaz de gerar expectativas positivas nos atletas.

A disposição ao esforço apontada pelos atletas é explicada pelo *locus* de causalidade. Segundo a teoria de Weiner, quando a causa é interna e controlável, a atribuição feita é o esforço. A internalidade da causa, ou seja, acreditar que a causa está em si mesmo, faz com que o atleta se disponha mais ao esforço. Quando a atribuição é interna, estável e controlável, a causa é o esforço sistemático. Quando a atribuição é interna, instável e controlável, a causa é o esforço não-sistemático.

Crer que a causa é interna pode levar os atletas a se empenharem mais e a treinar e aperfeiçoar suas habilidades. Se as causas são externas, a disposição ao esforço é menor, já que o resultado depende de fatores fora do indivíduo. Essa ideia alinha-se com o egotismo ou viés autosservidor à medida em que quanto mais o atleta entende que a causa está em si, mais ele se esforça para a tarefa. Benck e Casal (2006) apresentaram resultados similares e

afirmaram que experiências de sucesso podem levar o indivíduo a associar o resultado da atividade com uma atribuição interna e estável, fazendo com que o atleta se motive para melhorar ainda mais o nível de performance e garanta a persistência nos treinamentos.

Juniores e adultos não apresentaram diferença nas médias de cada uma das dimensões das atribuições de causalidade. Era esperado que houvesse diferença, em virtude da idade e da pouca experiência de jogadores mais jovens, nas atribuições. Em estudo de Fonseca (1999) os atletas mais novos, de diversos esportes (natação, voleibol, ginástica artística e ginástica rítmica desportiva), classificaram as causas dos seus resultados de uma forma significativamente mais interna e passível do seu controle pessoal, do que os atletas mais velhos.

Entretanto, os resultados não são consensuais. Sousa et al. (2008b) não encontraram diferenças estatisticamente significativas entre as atribuições dos jogadores de futebol mais jovens em relação aos mais velhos. No entanto, concluíram que os atletas de diferentes níveis competitivos percebem de forma distinta as causas relativas aos seus resultados positivos e negativos. Verificaram que os jogadores que competem em divisões superiores desvinculam-se mais, tanto dos seus sucessos como dos insucessos, ao considerarem as causas que lhes deram origem como menos internas e menos passíveis de controle pessoal que os seus jogadores que competem em níveis inferiores. Isso leva à hipótese de que, além da faixa etária, há diferença relativa ao nível competitivo no qual o atleta está inserido.

Para Fonseca (1999), as atribuições dos atletas, independentemente da idade, convergem no sentido da existência de um mecanismo de proteção ou implementação da sua autoestima. González-Boto et al. (2006) em estudo realizado com atletas de futsal, futebol e basquete sugerem que atletas mais experientes, que dedicaram tempo e energia consideráveis a um esporte em particular, podem ser mais suscetíveis ao egotismo na atribuição de causalidade.

No estudo aqui apresentado os atletas juniores realizam atribuições de maneira similar aos adultos. A explicação nesse caso poderia ser que no futebol de base e amador a cobrança por resultados é similar ao profissional, ocasionando uma adaptação rápida à “cultura” futebolística. Por vezes os treinadores e demais funcionários dos clubes de menor expressão são os mesmos que trabalham tanto no futebol profissional quanto na base. Isso cria um tratamento parecido, o que leva a minimizar as diferenças nas atribuições causais.

Outra possível causa seria a especialização precoce à qual muitos dos jovens atletas têm sido submetidos, forçando-os de certa maneira a lidar com as questões relativas ao esporte de maneira profissional, mesmo com pouca idade. Outra interpretação, corroborando Sousa et al. (2008a), indica a similaridade entre as categorias por conta de ambas estarem inseridas em níveis competitivos mais baixos e não haver disparidade entre a “grandeza” das competições.

Quanto às emoções, era esperado que os jovens apresentassem maiores níveis de sentimentos negativos, menor recompensa e menor autoeficácia, resultado da pouca idade e menor experiência no esporte, sobretudo para lidar com situações frustrantes e adversas. No entanto, não houve diferenças estatisticamente significantes.

O fato de não haver diferença na forma como juniores e adultos relatam as emoções deixa margem para algumas interpretações. É possível que os atletas de futebol mais jovens amadureçam mais rápido devido às circunstâncias adversas que existem no esporte brasileiro. Outro ponto a se pensar é se esse resultado aponta para uma falha na forma de se lidar com as categorias inferiores. O período de transição da adolescência para a idade adulta apresenta inúmeras peculiaridades que devem ser levadas em consideração para a formação de um jovem atleta.

Se não houve diferenças nas emoções, jogadores jovens apresentam uma diferença considerada grande para os adultos em relação às expectativas. Isso pode ser discutido através

da dificuldade que existe para se tornar um jogador profissional de futebol após a idade limite para as categorias de base. Em geral os jogadores são lançados profissionalmente entre os 17 e 23 anos. Dessa forma a alta expectativa entre os mais jovens era esperada, por haver mais tempo para se aprimorarem e conseguirem se tornar jogadores profissionais. Partindo da teoria, uma explicação pode ser o “otimismo ingênuo” observado em estudos brasileiros por Rodrigues (1984b). Os atletas mais jovens são mais otimistas em relação ao futuro e por isso criam mais expectativas em relação ao futuro no esporte profissional.

Nesse ponto, esta variável se relaciona com a disposição ao esforço no sentido de que ambas têm como possível explicação a pouca idade e possibilidade maior de desenvolvimento no esporte. Jogadores juniores apresentam maior disposição ao esforço que os jogadores adultos. Além da idade, uma outra explicação pode ser a de que os mais jovens, em geral, têm menos obrigações fora do esporte. Adultos por vezes têm de trabalhar ou realizar outras atividades não relacionadas ao esporte. Isso pode afetar a disposição ao esforço em relação aos treinos, por exemplo.

De maneira geral, a disposição ao esforço está relacionada com a consequência percebida pelo atleta. Se o jovem acredita que existe possibilidade de se tornar um jogador profissional ou de desenvolver suas habilidades é esperado que ele se esforce mais nos treinamentos e competições. De acordo com os resultados deste estudo sobre o sentimento de recompensa, quando o atleta sente que a causa é mais estável, mais recompensado ele se sente. Nesse sentido, quanto mais o esforço trouxer resultados consistentes, mais o atleta se sentirá recompensado. Por outro lado, caso o atleta não perceba consistência nos seus resultados, pode ocorrer que ele diminua a sua disposição ao esforço por conta da baixa recompensa. É o caso de adultos que disputam competições amadoras.

A falta de recompensa e a conseqüente indisposição ao esforço pode até mesmo levar ao abandono da atividade. Weinberg e Gould (2017) alertam sobre a desistência da prática

esportiva em função da baixa percepção de competência. Os autores indicam ainda que é necessário ensinar uma forma de avaliação do desempenho por padrões próprios de progresso e não em função de resultados de competições. Fazendo um paralelo com os resultados deste estudo, quando um atleta consegue observar o progresso e percebe a constância, entendendo assim uma causa estável, a disposição ao esforço mantém-se alta. Em médio e longo prazo isso evita que os atletas desistam do futebol e consigam manter bom desempenho nos treinamentos para consolidarem-se como atletas profissionais.

Considerações Finais

Nos últimos anos os profissionais que atuam no futebol mundial começaram a valorizar mais os estudos científicos relacionados ao esporte. Movimento esse principalmente impulsionado pelas principais ligas europeias. No Brasil essa atitude ainda é acanhada, porém gradativamente a “nova geração” de profissionais do esporte tem levado muito mais em consideração as ciências do esporte.

Os achados mostraram que há correlações significativas entre os sentimentos de recompensa e a dimensão causal da estabilidade. Assim como entre o sentimento de autoeficácia e as dimensões da estabilidade e do controle pessoal. Estabelecer essas relações pode ajudar na elaboração de estratégias que diminuam ou aumentem a incidência desses sentimentos para potencializar o rendimento esportivo e melhorar o ambiente de trabalho de jogadores.

Outro resultado importante foi perceber que a expectativa apresentada pelos atletas está relacionada à dimensão do controle pessoal. De forma análoga, é possível traçar estratégias que fomentem ou diminuam a expectativa, de acordo com a necessidade da situação, visando um ganho esportivo e bem estar dos atletas. Dentro dessa perspectiva podemos alinhar outro resultado, que revela a correlação entre disposição ao esforço e o *locus* de causalidade. Com base nos resultados, seria possível planejar estratégias para aumentar os

níveis de atribuição causal interna e, assim, elevar o rendimento da equipe ou de atletas específicos, tornando-os mais dispostos ao esforço, gerando expectativas em medida adequada aos objetivos e fomentando sentimentos que promovam mudança de comportamento.

Este trabalho apresentou evidências psicométricas sobre a atribuição de causalidade e sua relação com sentimentos, expectativas e disposição ao esforço. Evidências essas que se unem a outros estudos sobre atribuição de causalidade no esporte e criam uma base para o desenvolvimento dessa literatura. Poucos são os estudos com a mesma finalidade deste, de entender como a atribuição de causalidade influencia a cognição, a emoção e o comportamento dos jogadores de futebol. Estudos como este são necessários para colocar constantemente à prova as teorias da atribuição de causalidade, fortalecendo o método científico no desenvolvimento da teoria. Supõe-se que existam diferenças na atribuição causal relativas ao nível competitivo dos atletas. Nesse sentido a especificidade do grupo analisado neste estudo não permite maiores generalizações.

Através da já mencionada entrada gradativa da ciência no ambiente de trabalho do esporte, estudos como este ganham mais importância para abrir caminho para novas pesquisas. Existem algumas lacunas teóricas a serem preenchidas. São necessários estudos em diferentes culturas, diferentes níveis, diferentes esportes, diferentes faixas etárias, etc. Os resultados controversos e discrepantes das pesquisas apresentadas sobre a atribuição causal no esporte só reforçam a necessidade de mais estudos.

Referências

- Aldridge, L. J., & Islam, M. R. (2012). Cultural differences in athlete attributions for success and failure: The sports pages revisited. *International Journal of Psychology, 47*(1), 67–75. <https://doi.org/10.1080/00207594.2011.585160>
- Allen, M. S. (2012). A systematic review of content themes in sport attribution research: 1954–2011. *International Journal of Sport and Exercise Psychology, 10*(1), 1–8. <https://doi.org/10.1080/1612197x.2012.645130>
- Becker Junior, B. (2000). *Manual de psicologia do esporte & exercício*. Nova prova.
- Benck, R. T., & Valdés, H. M. (2005). Investigação da estrutura fatorial da Escala de Dimensão Causal II (CDS II). *Efdeportes, 84*. <https://www.efdeportes.com/efd84/cds.htm>
- Benck, R., Valdés, H. M., & Tróccoli, B. (2006). Análise fatorial confirmatória da Escala Brasileira de Atribuição Causal (EBAC). *Revista Brasileira Ciência e Movimento, 14*(3), 45–55.
- Brandão, M. R. F. (2000). *Fatores de Stress em jogadores de futebol profissional*. [Tese de Doutorado, Unicamp]. http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275369/1/Brandao_MariaReginaFerreira_D.pdf&usg=AOvVaw08s7MPHDZ4epRlo2KGjsYC
- Brawley, L., & Roberts, G. (1984). Attributions in sport: Research foundations, characteristics, and limitations. In J. M. Silva & R. S. Weinberg (Eds.), *Psychological foundations of Sport* (pp. 197–213). Human Kinetics.
- Campos, L. T. D. S., Vigário, P. D. S., & Lürdorf, S. M. A. (2011). Fatores motivacionais de jovens atletas de vôlei. *Revista Brasileira de Ciências Do Esporte (Impresso), 33*(2), 303–317. <https://doi.org/10.1590/s0101-32892011000200003>

- Carvalho, C. A., & Jacó-Vilela, A. M. (2009). *Psicologia do esporte no Brasil em dois tempos: uma história contada e uma história a ser contada*. Abrapso.
http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/206.%20psicologia%20do%20esporte%20no%20brasil%20em%20dois%20tempos.pdf
- Carvalho, C. A. (2012). *Além do tempo regulamentar: uma narrativa sobre a história da psicologia do esporte no Brasil*. [Tese de Doutorado, Universidade Do Estado Do Rio de Janeiro]. <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4041229.pdf>
- Carvalho, C. (2019). Psicologia do Esporte e Exercício: modelos teóricos, pesquisa e intervenção (Portuguese Edition). In A. Pereira, L. Angelo, A. Filgueiras, & E. Conde (Eds.), *A psicologia do Esporte no Brasil como ciência do Esporte e do Exercício* (pp. 15–32). Passavento.
- Conselho Federal de Psicologia. (2007). *Resolução CFP* (No. 023/2007).
https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao_CFP_nx_013-2007.pdf
- Corrêa, D. K. D. A. (2002). *Excelência na produtividade: a performance dos jogadores de futebol profissional*. Scielo.
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000200021&lng=en&nrm=iso
- DaMatta, R. (1984). *O que faz o brasil, Brasil*. Ed. Rocco.
- Dela Coleta, J. A. (1982). *Atribuição de causalidade: teoria e pesquisa*. Fundação Getúlio Vargas.
- Dela Coleta, J. A., & Dela Coleta, M. F. (2006). *Atribuição de causalidade: teoria, pesquisa e aplicações*. Cabral Editora e Livraria Universitária.
- Dela Coleta, J. A., & Godoy, S. A. (1986). Atribuição de Causalidade ao sucesso e fracasso e reações emocionais: Pesquisas Brasileiras com os modelos de Bernard Weiner.

- Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 145–156.
- <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/16995>
- Field, A. (2009). *Descobrendo a estatística usando o SPSS* (2nd ed.). Artmed.
- Fonseca, A. M. (1999). A percepção da causalidade subjacente aos resultados desportivos e a idade dos atletas. *Revista de Psicología Social*, 14(1), 3–14.
- <https://doi.org/10.1174/021347499760260046>
- Fullin, C., & Mills, B. (1995). *Attribution theory in sports: problems and solutions*. ERIC.
- <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED387439.pdf>
- González-Boto, R., Molinero, O., Martínez, R., & Márquez, S. (2006). Attributions for success and failure in Spanish team sport players. *European Journal of Human Movement*, 17, 123–134.
- https://www.researchgate.net/publication/47734225_Attributions_for_success_and_failure_in_Spanish_team_sport_players
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada dos dados* (6th ed.). Bookman.
- Hua, M., & Tan, A. (2012). Media Reports of Olympic Success by Chinese and American Gold Medalists: Cultural Differences in Causal Attribution. *Mass Communication and Society*, 15(4), 546–558. <https://doi.org/10.1080/15205436.2012.677092>
- IBGE. (2015). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015: Práticas de esporte e atividade física*. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>
- Kandel, E. R. (2014). *Princípios de Neurociências (Portuguese Edition)* (5th ed.). AMGH.
- Pesca, A. D., Pereira, F. S. A., & Cruz, R. M. (2014). Avaliação e intervenção psicológica no esporte. In M. F. M. Maia, J. T. Miranda Neto, & T. T. Maia (Eds.), *Saúde e educação física: pesquisas, percepções e perspectivas*. (pp. 269–274). Unimontes.

- Pett, M. A., Lackey, N. R., & Sullivan, J. (2003). *Making Sense of Factor Analysis: The Use of Factor Analysis for Instrument Development in Health Care Research* (1st ed.). SAGE Publications, Inc.
- Robinson, M. A. (2018). Using multi-item psychometric scales for research and practice in human resource management. In Wiley Periodicals (Ed.), *Human Resource Management* (57th ed., pp. 739–750). Wiley Periodicals.
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2000). *Psicologia Social*. Vozes.
- Rodrigues, A. (1984a). Atribuição de causalidade ao sucesso e ao fracasso como fator mediador de reação emocional e de expectativa de comportamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 36(4), 12–25.
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/19018>
- Rodrigues, A. (1984b). Atribuição da causalidade: Estudos brasileiros. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 36, 5–20.
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/18979/17719>
- Rose Jr, D. (1997). Sintomas de “stress” no esporte infanto-juvenil. *Revista Treinamento Desportivo*, 2, 12–20.
- Rubio, K. (2007). *Da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos*. Pepsic. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452007000100007&lng=pt&nrm=iso
- Sá, L. G. C. (2009). *Atribuição de causalidade ao nível de competência percebida em jogadores de futebol*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia].
<http://www.pgpsi.ip.ufu.br/sites/pgpsi.ip.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/DissertacaoLucasGuimaraesCSa.pdf>
- Samulski, D. (2000). *Psicologia do Esporte*. Manole.

- Sanches, A. B., & Rezende, A. L. G. (2010). Avaliação da percepção das situações de estresse de jogadores de futebol em função da idade. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, 18(3), 43–50. <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/1684>
- Sousa, P. M., Rosado, A. B., & Cabrita, T. M. (2008a). Análise das atribuições causais do sucesso e do insucesso na competição, em função do nível competitivo dos futebolistas portugueses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 203–211. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722008000200006>
- Sousa, P. M., Rosado, A., & Cabrita, T. (2008b). O escalão etário e o tempo de prática da modalidade como determinantes das atribuições causais no desporto: Um estudo efectuado no futebol. *Análise Psicológica*, 26(1), 147–159. <https://doi.org/10.14417/ap.484>
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using Multivariate Statistics* (5th ed.). Pearson.
- Taylor, S. E., Peplau, L. A., & Sears, D. O. (2005). *Social Psychology (12th Edition)* (12th ed.). Pearson.
- Vieira, L. F., Vissoci, J. R. N., Oliveira, L. P. . d. e., & Vieira, J. L. L. (2010). Psicologia do esporte: uma área emergente da psicologia. *Psicologia Em Estudo*, 15(2), 391–399. <https://doi.org/10.1590/s1413-73722010000200018>
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2017). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício - 6ed.* Artmed Editora.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOBRE ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE NO FUTEBOL

FUTEBOL –AVALIAÇÃO

Estou realizando uma pesquisa para investigar que nota jogadores de futebol se dão como jogadores de futebol e qual o motivo cada um usa para justificar essa nota. Também para saber como o jogador se sente como jogador de futebol, quais são algumas das suas expectativas e o quanto está disposto a fazer algumas coisas para ser um jogador melhor. Você gostaria e poderia participar? Você deve responder da forma mais sincera possível. Não existe resposta certa nem errada. Quero começar perguntando alguns dados pessoais.

DADOS PESSOAIS

1. Idade: _____	2. Você estudou até qual série? _____
3. Sua mãe estudou até qual série? _____	4. Seu pai estudou até qual série? _____
5. Onde passou a infância? () na roça () em cidades pequenas () em cidades grandes	
6. Você joga principalmente em qual posição? () Defesa () Meio-campo () Ataque	

Agora, você vai responder todas as perguntas de 1 a 10, sendo que 10 é muito, o máximo possível e 1 é pouco, o mínimo possível.

01. De 1 a 10, o quanto você acredita que a profissão de jogador de futebol é respeitada?											
pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
02. Que nota você acha que as outras pessoas te dão como jogador de futebol?											
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		
03. De 1 a 10, o quanto você se dedica ao futebol?											
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10		

04. Que nota você dá para o melhor time em que você já jogou?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

05. Que nota você dá para o pior time em que você já jogou?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

06. Que nota você dá para o time em que você joga atualmente?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

07. Que nota você dá para você mesmo como jogador de futebol?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

08. Escreva a **principal** causa, o principal motivo que explica essa nota que você deu para você na questão anterior? (porque você tem essa nota como jogador de futebol ?)

Sabendo da nota que você deu a você mesmo na **pergunta 07** e depois de escrever a explicação **na pergunta 08**, responda:

09. De 1 a 10, o quanto esta causa está relacionada a você (tem a ver com você)?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

10. De 1 a 10, o quanto você acredita que esta causa vai continuar ocorrendo no futuro?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

11. De 1 a 10, o quanto você acha que pode controlar (pode tomar conta) desta causa?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

12. De 1 a 10, o quanto você acha que **as outras pessoas** podem controlar (podem tomar conta) esta causa?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

Sabendo que você é um jogador nota (resposta da pergunta 07) devido ao motivo (resposta da pergunta 08), o quanto você sente (de 1 a 10) cada uma das coisas a seguir, **como jogador de futebol ?**

13.Competente

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

14.Confiante

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

15.Vitorioso

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

16.Recompensado

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

17.Realizado

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

18.Orgulhoso

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

19.Conformado

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

20.Aliviado

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

21.Arrependido	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
22.Frustrado	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
23.Desanimado	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
24.Capaz	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
25.Tranquilo	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
26.Deprimido	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
27.Angustiado	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
28.Revoltado	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
29.Seguro	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
30.Com raiva	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
31.Surpreso	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
32.Agradecido	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
33.Relaxado	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
34.Cansado	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito

35.Motivado	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
36.Envergonhado	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito
37.Culpado	pouco	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	muito

38. Se você fosse responder daqui **a um mês**, que nota você acredita que se daria como jogador de futebol?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

39. Se você fosse responder daqui **a um ano**, que nota você acredita que se daria como jogador de futebol?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

16. Se você fosse responder daqui **a cinco anos**, que nota você acredita que se daria como jogador de futebol?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

40. De 1 a 10, o quanto você acredita que um dia poderá ser jogador profissional de futebol?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

41. De 1 a 10, o quanto você vai achar ruim se nunca chegar a ser um jogador profissional de futebol?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

42. De 1 a 10, o quanto você acredita que um dia poderá ser um jogador profissional de futebol e ter sucesso?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

43. De 1 a 10, o quanto você vai achar ruim se nunca chegar a ser um jogador de futebol profissional e ter sucesso?

pouco muito

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
--	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	--

44. De 1 a 10, quantas vezes mais você está disposto a se esforçar para ser um grande jogador de futebol?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

45. Se fosse preciso aumentar o tempo de treinamento para você se tornar um grande jogador de futebol, o quanto (de 1 a 10) você estaria disposto a aumentar?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

46. De 1 a 10, o quanto você abriria mão das horas de diversão (de festas, de lazer, de convívio em família) para se tornar um grande jogador de futebol de futebol?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito

47. De 1 a 10, o quanto você aceitaria que o treinador fosse mais exigente para você se tornar um grande jogador de futebol?

pouco

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

muito